

EXPLORAÇÃO PODE FICAR EM 'STAND BY'

Angola não tem plano director de gás

Apesar das várias descobertas que se vão sucedendo de reservas de gás condensado, a exploração deste recurso está condicionada à elaboração de um plano director. Por enquanto, as petrolíferas limitam-se a catalogar os campos. Pág. 14



TENDÊNCIA DO ANO

Kwanza desvaloriza sete vezes em quatro meses

Entre Janeiro e Abril de 2016, a moeda nacional registou sucessivas perdas face à principal divisa de referência, pressionada pela redução das receitas em dólar. Pág. 16

EM SETE ANOS FALIRAM MAIS DE MEIA DÚZIA DE EMPRESAS

Má gestão e custos operacionais 'abatem' aviação comercial

TRANSPORTE AÉREO. O mercado doméstico da aviação comercial assistiu a várias falências na última década. Das 18 operadoras registadas pelo INAVIC, apenas oito voam e os investidores atribuem culpas às despesas de operação, mas há quem junte a má gestão. Págs. 4-9



Nos céus de Angola cruzam-se apenas as sete operadoras que sobrevivem

BURACO DO BESA FOI DE 6,8 MIL MILHÕES USD

Novas investigações conduzidas em Portugal indicam que o desfalque no extinto Banco Espírito Santo Angola foi de 6,8 mil milhões de dólares, ao contrário dos divulgados 5,7 mil milhões de dólares há quatro anos. Pág. 32



PRESTADORAS DE SERVIÇO ÀS PETROLÍFERAS

Corte de 10 mil milhões USD

Com a crise instalada na indústria do crude, os negócios das empresas que prestam serviços às petrolíferas caíram para a metade. As receitas recuaram 50% para os 10 mil milhões de dólares, com vários empregos em risco. Pág. 18



Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+3) ▲ EUR 188,5 Kz (+2,6) ▲ LIBRA 238,3 Kz (+6) ▲ YUAN 25,7 Kz (+0,5) ▲ RAND 11,5 Kz (+0,5) ▲

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



O BFA NÃO É O BESA

O conflito acionista no BPI deixou várias certezas na última semana. Mas há duas que se destacam.

A primeira é a confirmação de que não é possível determinar prazos para um entendimento definitivo. A segunda é o esclarecimento, sem rodeios, de todos os 'adversários' de Isabel dos Santos, por ordem e nível de ameaça: os espanhóis do La Caixa, a administração do BPI e o governo português. Não, não é propriamente isso. Em nome do rigor, talvez faça sentido excluir os espanhóis desta lista. Com o conflito, na dimensão em que expressa, não se podia pedir outra coisa aos espanhóis que não fosse a defesa dos seus interesses, fazendo o melhor negócio possível. É o que fez até hoje a empresária angolana. Nos limites que se permitem os atropelos de emoção, até se aceitaria qualquer coisa que tratasse Isabel dos Santos por mentirosa. Desde que o insulto viesse dos espanhóis. Não foi o que aconteceu. Foi a administração do BPI que decidiu juntar ao conflito o lado doméstico que faltava: a evocação do carácter de um dos seus accionistas. Foi, no mínimo, inacreditável. A administração do BPI acusou



Isabel dos Santos de mentir, colocando-se ao lado dos espanhóis. Mas o pior estava por vir. O governo português desengavetou um decreto-lei que desblinda os estatutos do banco e aplicou-o à justa. Em termos imediatos, retirou o poder negocial à accionista angolana no BPI e deu largas ao accionista espanhol para usar o poder dos seus mais de 44%, nas decisões sobre o futuro do banco. Qualquer coisa como o árbitro que desequilibra o rectângulo do jogo, com o apito. Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa até têm a compreensão dos que preferem pensar que os dois não fizeram mais do que cumprir as ordens de Bruxelas. O problema é que não conseguem convencer, nem aos próprios portugueses, do não oportu-

nismo da decisão que acabou por desfavorecer claramente uma das partes do conflito.

A anunciada vinda de António Costa a Angola já tem, por isso, uma agenda mais do que antecipada. E complicada. Parte do esforço diplomático passará obrigatoriamente por tentar convencer as autoridades de Luanda de que não houve parcialidade, em detrimento dos interesses de Isabel dos Santos. O que não será possível. O que é mais do que provável, entretanto, é que Luanda não reaja a quente. E, se o fizer, não se acredita que vá aos extremos. Um cenário de nacionalização do BFA, como já se alude como possível resposta, é mais do que precipitado. Até porque a base que alegadamente serve de histórico – a intervenção do Estado no caso BESA – tem contornos completamente diferentes. O BESA não é o BFA. O BESA mudou de nome, o BFA não. No BESA desapareceram, sem rasto, mais de cinco mil milhões de dólares. Aliás, mais de seis mil milhões de dólares. No BFA, não houve roubos de dinheiros dos depositantes. O BESA pôs em risco a estabilidade do sistema financeiro angolano. O BFA, seja qual for o desfecho do conflito entre os seus maiores accionistas, não põe em causa a segurança do sistema. Os dois casos são completamente diferentes.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral-Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico e chefe de produção: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Secretária de Redacção: Lúcia de Almeida

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Colaboradores: Cândido Mendes

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Nelson Manuel e Valdimir de Almeida

Departamento comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes e Mariquinha Rego

Tel.: +244941784790-(1)-(2)

Nº de Contribuinte: 5401180721; **Nº de registo**

estatístico: 92/82 de 18/10/82

Tel.: +244 936272323

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones:

+244 222 320510, 222 320511

Fax: 222 320514

A semana

3 PERGUNTAS A...



Elizabeth Santos

Como é que a indústria avícola está a enfrentar as dificuldades com as importações de matéria-prima?

Este sector é muito dependente das importações. Numa fase destas, é preciso que o Governo tenha sensibilidade no sentido de encontrar uma solução para facilitar as empresas consolidadas. É óbvio que não é apenas a fazenda 'Pérola de Kikuxi' que está a atravessar dificuldades, mas as nossas são essencialmente com o pagamento da mão-de-obra expatriada.

Está a despedir?

Não. Temos regularizados os pagamentos dos trabalhadores angolanos. A nossa preocupação é o pagamento dos expatriados. Há constrangimentos na economia e, a continuar assim, poderemos correr certos riscos, como perder a mão-de-obra com larga experiência.

O que representa a fazenda 'Pérola do Kikuxi', no sector avícola angolano?

Temos 800 mil animais (galinhas) e representamos 60% do consumo de ovos do mercado nacional. Com as dificuldades, há risco de fecharmos as portas, o que seria grave.

1
TERÇA-FEIRA
O Pólo de Desenvolvimento Industrial do Luena, Moxico, que ocupa uma extensão de mil hectares, vai ser inaugurado, em Maio, anunciou o director provincial da Geologia, Minas e da Indústria do Moxico, Victor Pedro.

2
QUARTA-FEIRA
Em 2015, foram importadas 360 mil toneladas de frangos, que custaram 450 milhões de dólares. Angola produz apenas 0,20% das necessidades do mercado, disse o ministro da Agricultura, Afonso Pedro Canga, no encontro com empresários organizado pelo Ministério da Economia.

3
QUINTA-FEIRA
O Fundo Soberano de Angola refutou as acusações divulgadas pela imprensa a propósito dos 'Panama Papers'. Em comunicado, a instituição dis ter sido "vítima de alegações infundadas" e que as suas operações são fiscalizadas pelas demais instituições do Estado.



18

SEGUNDA-FEIRA

As reservas internacionais líquidas de Angola estão estimadas em 24 mil milhões de dólares, correspondendo a oito meses de importações, informou, em Luanda, o governador do Banco Nacional de Angola, Valter Filipe da Silva.

4
SEXTA-FEIRA
A exportação de petróleo para a China caiu 22% no último trimestre de 2015, em relação ao período anterior, indica o mais recente relatório sobre o comércio externo, elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).



5
SÁBADO
O Banco de Desenvolvimento Angolano (BDA) disponibilizou duas linhas de crédito para a banca comercial no valor de 35 mil milhões de kwanzas, anunciou o administrador da instituição, Carvalho Neto.



6
DOMINGO
As negociações entre os principais produtores de petróleo do mundo terminaram sem acordo, em Doha, informou o ministro de energia do Qatar, Mohammed bin Saleh al-Sada, que aponta que os produtores de petróleo concluíram que precisavam de "mais tempo".

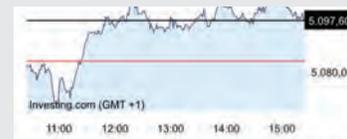


COTAÇÃO



MERCADOS EMBAIXA

Os mercados registaram valorizações graças à subida do preço do barril de petróleo. Os fechos de sessões foram mistos, com as bolsas europeias a registar as maiores perdas pressionadas pela antecipação da votação no Reino Unido sobre a manutenção ou não do país na Zona Euro. Nos EUA, o mais penalizado foi a banca que registou perdas acima dos 40%. O Bovespa brasileiro manteve as ligeiras oscilações com tendências negativas devido à continuada crise política.



DAX Futuros	10.412,5	-72,5	-0,69%
CAC 40	4.568,30	-14,53	-0,32%
IBEX 35	9.227,50	+30,30	+0,33%
S&P 500 Futuros	2.082,50	-0,25	-0,01%
Dow 30 Futuros	17.886,0	-13,0	-0,07%
Índice Dólar	94,77	+0,15	+0,16%
Índice Euro	89,30	-0,04	-0,04%

Petróleo	44,30	+1,12	+2,59%
Gás Natural	2,079	+0,011	+0,53%
Ouro	1.246,40	-3,90	-0,31%
Prata	17,320	+0,230	+1,35%
Cobre	2,299	+0,048	+2,13%
Café Londres	1,526,00	-7,00	-0,46%
Alumínio	1,666,75	+29,75	+1,82%

BOLSAS ARRASTADAS PELO PETRÓLEO

O PSI20 contrariou a tendência negativa europeia devida ao BREXIT e a perdas nos sector automóvel e fechou a semana em terreno positivo alavancado pela forte valorização do BCP que desde o meio da semana, havia registado ganhos acima dos 11%, e por ganhos nas telecomunicações. O Brent chegou pela primeira vez em quatro meses a valores próximos dos 46 dólares por barril, e a valorização retraiu o preço do ouro que costuma a ser o refúgio dos investidores.

Observatório

ENTRE FALÊNCIAS E PROCESSOS DE REESTRUTURAÇÃO

Aviação doméstica vista à lupa

TRANSPORTE AÉREO. Os elevados custos operacionais são o principal ‘calcanhar de Aquiles’ no mercado interno da aviação que, só nos últimos sete anos, viu desaparecer sete operadoras.

Por António Miguel e Valdimiro Dias

O mercado doméstico da aviação comercial assistiu a “grandes transformações” na última década, marcadas, sobretudo, pela falência de várias operadoras, especialmente as controladas por investidores individuais. O Instituto Nacional de Aviação Civil – INAVIC – tem registadas 18

companhias aéreas, mas apenas sete voam. Algumas ainda não terão concluído o processo de licenciamento, mas a maioria simplesmente ‘desapareceu dos radares’. A lista das falências, incluindo as operadoras suspensas pelo regulador, é tão extensa quanto o conjunto de dificuldades que os investidores enumeram e que estão na base da perda de competitividade do sector. Os elevados custos operacionais são o primeiro obstáculo que as empresas apontam em conjunto e que consideram “o mais difícil de remover”. Além das despesas com os serviços de assistência, as empresas de aviação pagam várias taxas ao Estado, estabelecidas por decreto (ver infografia nas pági-

nas seis e sete), mas é, sobretudo, na manutenção que acontece no exterior e nos combustíveis que as contas apertam, ao ponto de deixarem dezenas de aeronaves definitivamente em terra. Cálculos de várias operadoras consultadas pelo VALOR apontam que, só em combustível, as empresas chegam a gastar até 300 mil kwanzas para uma viagem de uma hora e meia (Luanda-Cabinda-Luanda). No caso das tarifas, entre várias, por cada aterragem e decolagem do avião, a empresa para 40 dólares, valores que passam para o dobro, no caso de a operação ocorrer no período da noite.

Aos custos operacionais somam-

-se outros constrangimentos à indústria, como a reduzida dimensão do mercado e a concorrência introduzida pelas transportadoras terrestres, pouco depois do fim da guerra. Especialistas ligados a empresas da aviação, que falaram sob anonimato ao VALOR, por imposições contratuais, convergem que o crescimento do sector está também necessariamente condicionado à expansão do mercado. “As empresas são obrigadas a fazer muito poucas frequências, porque o nosso

CONTINUA NA PÁG.6

18

Companhias é o número de operadoras que estão actualmente registadas no Instituto Nacional de Aviação Civil (INAVIC), mas grande parte destas empresas não realiza voos regulares.

400

Funcionários, média de profissionais que a TAAG utiliza para cada uma das suas aeronaves, quando em operação.

110

Trabalhadores, média de profissionais utilizados pelas companhias aéreas, da dimensão da transportadora nacional, por cada aeronave.

1990

Ano em que começaram a surgir, no país, as primeiras operadoras de cariz privado e subsidiárias de empresas públicas, vocacionadas a voos comerciais domésticos.

Os preços e as rotas mais lucrativas

AIR26



Air Jet



AIR26

Cabinda - 14.500 kz
Soyo - 4.000 kz
Benguela - 17.000 kz
Odjiva - 17.000 kz
Número de aeronaves 6



SJL AERONÁUTICA

Cabinda - 12.000 kz
Soyo - 11.000 kz
Mbanza Congo - 8.500 kz
Uíge - 8.500 kz
Número de aeronaves 9



AIRJET

Cabinda - 12.500 kz
Soyo - 12.500 kz
Benguela - 16.000 kz
Lubango - 18.000 kz
Número de aeronaves n/d



TAAG

Benguela - 24.000 kz / **Cabinda** - 20.000 kz
Huambo - 27.000 kz / **Lubango** - 29.900 kz
Menongue - 27.500 kz / **Namibe** - 32.000 kz
Odjiva - 35.000 kz / **Saurimo** - 35.000 kz
Soyo - 23.000 kz
Número de aeronaves n/d

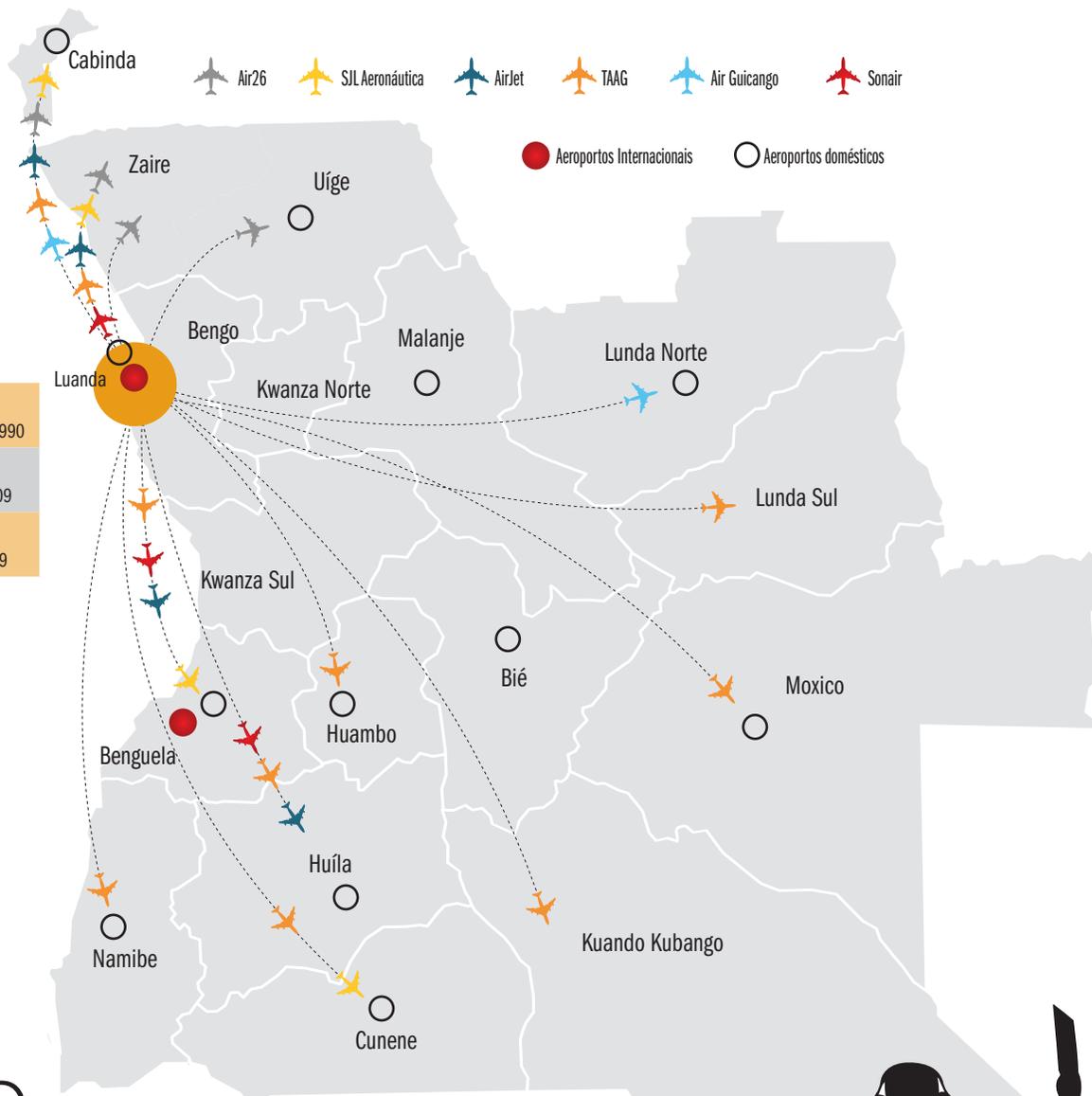
15

VOOS DIÁRIOS é o número de aeronaves e companhias aéreas atendidas, em média, pela BestFly, em assistência técnica. Além da gestão e manutenção, a operadora presta ainda serviços de aluguer e planificação de voos.



As companhias que operam o mercado doméstico

O mercado da aviação civil nacional tem actualmente registadas 18 companhias aéreas, segundo o INAVIC. No entanto, grande parte dessas operadoras não realiza voos regulares, outras têm as licenças suspensas, estando apenas algumas a voar com regularidade.



Operadoras que deixaram de voar

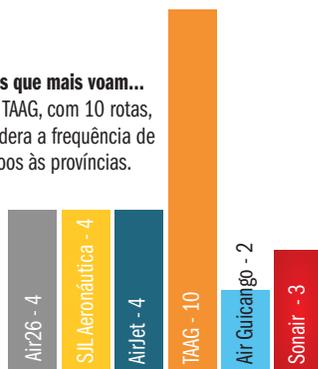
SAL Duração de actividade: 1992 - 2009	Air Gemini Duração de actividade: 1999 - 2011	Air Charter Duração de actividade: 1987 - 1990
Angola Air Services Duração de actividade: n/d	Gira Globo Duração de actividade: 2001 - 2009	Mavewa Duração de actividade: n/d - 2009
Diexim Duração de actividade: 2003 - 2009	Fly 540 Duração de actividade: 2006 - 2014	Air Nave Duração de actividade: n/d - 2009
Laurentino Abel Martins Duração de actividade: n/d		



1991
Ano em que foi criada a Sociedade de Aviação Ligeira (SAL), umas das primeiras operadoras a surgir no país, no segmento do aerotáxi.

2009
Ano em que surgiu a BestFly, uma das mais novas operadoras da aviação civil nacional.

As que mais voam...
A TAAG, com 10 rotas, lidera a frequência de voos às províncias.



AIR GUICANGO
Lukapa - 28.000 kz
Cabinda - 13.500 kz
Número de aeronaves n/d



SONAIR
Benguela - 17.959 kz
Soyo - 17.180 kz
Lubango - 18.917 kz
Número de aeronaves n/d

20

Mil kwanzas é o valor cobrado, em média, pelas operadoras para as viagens com destino ao Soyo, considerado como uma das rotas domésticas mais lucrativas do mercado.



Observatório

CONTINUAÇÃO DA PÁG.4

mercado é bastante reduzido”, analisa um dos especialistas consultados que aponta o caso da TAAG, a transportadora aérea pública, como sendo o mais grave. “A TAAG usa para as viagens internas, de uma hora ou pouco mais, os boeing 737, que são aeronaves com autonomia para voar 10 horas. Isto significa várias coisas: dificuldade de recuperação de investimento, desgaste do equipamento e incapacidade de optimização dos recursos”, examina, indicando que a sobrevivência da operadora pública se explica apenas no facto de ser subvencionada pelo Estado. “As privadas que não podem contar com essa possibilidade simplesmente desaparecem”, sentencia, indicando que “normalmente, as empresas acabam por acumular dívidas, sobretudo com os combustíveis, até se tornarem insustentáveis, depois não resta qualquer alternativa senão desistir”.

O surgimento das viagens interprovinciais, através das empresas de transportes colectivos, acabou por ser outra ‘má notícia’ para a aviação.

Os passageiros passaram a ter uma alternativa mais barata aos céus e, como consequência, as transportadoras aéreas perderam parte do mercado. Embora nenhum dos especialistas consultados pudesse estimar a quota que os aviões perderam para os autocarros, houve quem arriscasse apontar uma média de entre os 25 e os 30%, com a justificação de que a maioria dos passageiros que viaja por estrada não comprava bilhetes de avião. “Andar de avião sempre foi caro para a maioria da população, não se pode dizer por isso que os autocarros nos tenham roubado metade dos passageiros, isto não é verdade”, comenta um dos investidores ouvidos pelo VALOR, que também solicita o anonimato e que dá outra versão sobre a falência das operadoras.

Das cerca de uma dezena de operadoras que desapareceram nos últimos sete anos, pelo menos oito foram suspensas pelo Instituto Nacional de Aviação Civil – o INAVIC – “o que significa que muitas empresas segu-

ramente não podiam continuar a operar por questões de segurança”, comenta, admitindo, entretanto, que em alguns casos a deterioração das condições técnicas das operadoras se tenha devido à ausência de investimentos, por força dos elevados custos operacionais e de capital.

SOLUÇÃO PARA A CRISE

À semelhança do que acontece na Europa, em que as cinco maiores

operadores se juntaram para exigir à Comissão Europeia a revisão das taxas aeroportuárias, em Angola, especialistas e investidores ligados ao sector não têm dúvidas de que é preciso replicar o exemplo. Com os custos operacionais a condicionarem a competitividade na aviação, “a solução passa por reavaliar todos os factores que tornam o negócio inviável e as taxas não ficam de parte”, defende um investidor que

representa interesse de uma companhia internacional em Angola. “É mais do que urgente, porque, na verdade, hoje só persistem aquelas empresas que dependem do músculo financeiro dos seus investidores e tudo isso só ficou agravado pela crise”, observa.

A melhoria da gestão das empresas e a atracção do capital estrangeiro ao sector são outros dois caminhos apontados para se garantir compe-

titividade ao mercado. A eventual reestruturação da TAAG que poderá conduzir a operadora pública a concentrar-se apenas nas rotas internacionais também, a concretizar-se, deverá mexer o ‘xadrez’ da aviação, com os privados a ficarem com mais espaço por cobrir, como avaliam os observadores. Análise que vai ao encontro dos planos do Ministério dos Transportes em “reforçar as sinergias entre o sector público e

Os custos que pesa

TAXA DE ATERRIZAGEM E DECOLAGEM

Voos domésticos / (Valores em USD por toneladas)

INTERVALOS DE PESO	CATEGORIA 1	CATEGORIA 2
Até 10 toneladas	4,53	3,50
De 10 a 25 toneladas	4,05	3,13
De 25 a 75 toneladas	4,48	3,46
De 75 a 150 toneladas	5,07	3,92
Mais de 150 toneladas	5,39	4,16

TARIFA DE SINALIZAÇÃO LUMINOSA

(Valores em USD por toneladas)

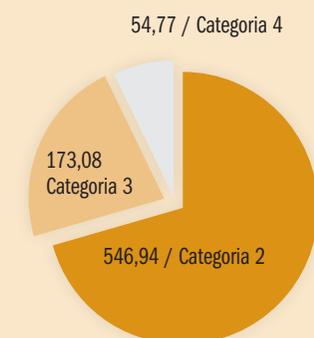
CATEGORIAS	TIPO DE ILUMINAÇÃO	TARIFA
Categoria 1	Pista 23/05	197,88
Categoria 5	Pista 25/07	87,30
Categoria 3	Balizagem luminosa	87,30
Categoria 4	Balizagem luminosa	34,98

Fonte: Diário da República, Iª série N° 109 – 24 Julho de 2015



TARIFA PARA ABERTURA DE AERÓDROMO

(Valores em USD por hora)



SALÁRIO MÉDIO/AKZ:

Piloto: entre 600 a 800 mil;
Assist. bordo: entre 200 a 400 mil

CUSTOS POR VOO

COMBUSTÍVEL
(Valores em Kzs)
entre 250 a 300 mil

SERVIÇOS
(Valores em usd)

Por balcão de check-in Categoria 1
Voo internacional - 17
Voo doméstico - 9

Por balcão de check-in Categoria 2
Voo internacional - 12
Voo doméstico - 8

Por balcão de check-in Categoria 3
Voo internacional - 9
Voo doméstico - 7

Por balcão de check-in Categoria 4
Voo internacional - 6
Voo doméstico - 4

TARIFA REABERTURA COMERCIAL

729,25 / Categoria 2
230,77 / Categoria 3
73,03 / Categoria 4

AEROPORTOS PROVINCIAIS SEM VOOS

‘Rios’ de dinheiro com retorno atrasado

A EENANA leva a cabo um plano estratégico de desenvolvimento dos aeroportos, que exigiu um investimento na ordem 400 milhões de dólares, sem incluir o novo Aeroporto Internacional de Luanda. Entretanto, muitos dos aeroportos construídos ou reabilitados nos últimos 14 anos não recebem voos com frequência, situação que atrasa o retorno do investimento.

São os casos do aeroporto “Comandante Ngueto”,

no Kwanza-Norte e o de Catumbela. Este último, pensado como internacional, passou a receber apenas voos domésticos por falta de certificação da Associação Internacional dos Transportes Aéreo (IATA).

Os aeroportos do Huambo, Mbanza Congo e Soyo, Luena e Kuito e o aeroporto doméstico de Luanda também beneficiaram do plano. Assim como os do Nzeto (Zaire), de Maquela do Zombo, Quimbele e

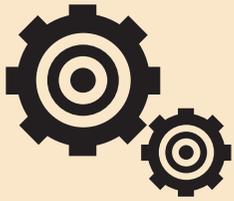
8

Das cerca de uma dezena de operadoras que desapareceram nos últimos sete anos, pelo menos oito foram suspensas pelo Instituto Nacional de Aviação Civil – o INAVIC

15

O novo aeroporto de Luanda vai ter capacidade para receber mais de 15 milhões de passageiros por ano, contra os três milhões actuais. Angola passará assim a ter três aeroportos internacionais.

m na aviação



ASSISTÊNCIA DE MANUTENÇÃO EM LINHA
0,03 usd por lugar oferecido



ASSISTÊNCIA A BAGAGEM
0,16 usd por passageiro embarcado e desembarcado



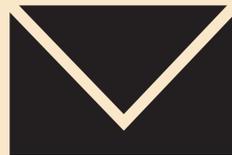
ASSISTÊNCIA DE OPERAÇÕES AÉREAS GESTÃO DAS TRIPULAÇÕES
0,03 usd por lugar oferecido



ASSISTÊNCIA A COMBUSTÍVEL E ÓLEO
0,51 usd por hectolitro



ASSISTÊNCIA DE LIMPEZA E SERVIÇO DE AVIAÇÃO
0,03 usd por lugar oferecido



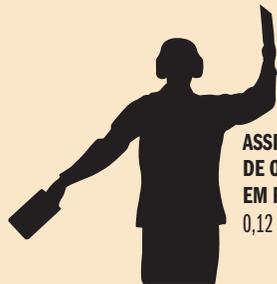
ASSISTÊNCIA a carga e correio, 0,16 usd por 100kgs de carga e correio embarcado e desembarcado



APROVISIONAMENTO DE AERONAVES (CATERING)
- Por refeição - 0,40 usd
- Valor mínimo por fornecimento - 18,27 usd



ASSISTÊNCIA DE TRANSPORTE EM TERRA
0,07 usd por lugar oferecido



ASSISTÊNCIA DE OPERAÇÕES EM PISTA
0,12 usd por lugar oferecido

privado, com o fim de se aumentar a eficiência e reduzir os custos operacionais, aumentando os fluxos de passageiros”, segundo apurou o VALOR de fonte do órgão governamental. O Ministério quer ainda uma nova arquitectura nos parques de estacionamento dos aviões, ajustada à realidade angolana, mas a concretização dos planos só será possível com o consentimento do Conselho de Ministros.

ROTAS LUCRATIVAS

O mercado da aviação não vive só de queixas. Quem continua a operar diz que Cabinda e Soyo são as rotas mais rentáveis.

Com excepção da Sonair, todas as operadoras, no activo, voam de Luanda para aqueles dois pontos do Norte de Angola.

Para estes destinos, todos os dias há um grande fluxo de passageiros. Para Cabinda, a justificação é

o facto de não ter ligação terrestre com o país, tornando a via aérea a única forma de contacto com o resto do território. A outra explicação é o petróleo que ‘jorra’ naquelas paragens.

As aviadoras também lucram no Soyo por se tratar de uma localidade petrolífera.

Os bilhetes de passagem, a partir de Luanda, começam nos 13 mil kwanzas.

LUÍS ARRIEGAS, DIRECTOR COMERCIAL DA AIR 26:

“Sobrevive quem respeita os passageiros”

O director comercial da Air 26, Luís Arriegas, avalia que o mercado da aviação ainda se debate com problemas de vária ordem e que a entrada dos autocarros interprovinciais tornou o negócio da aviação doméstica “mais exigente”, tendo em conta que viajar pelo país via estrada fica mais barato. Para Luís Arriegas, no futuro, “só permanecerão as empresas que respeitarem os passageiros, com cumprimento dos horários de voo e que tiverem capacidade de inovar constantemente os serviços”. “Nós cumprimos os horários, por isso a Air 26 é, neste momento, a maior companhia aérea privada”, garante. A administração tem planos de

aumentar a frota, mas isso depende do próprio mercado. Criada em 2006, a Air 26 funciona com seis aviões jactos Embraer, de 37 a 50 lugares, e voa para quatro destinos (Cabinda, Soyo, Benguela e Ondjiva) a partir de Luanda. A empresa comercializa o bilhete de passagem para Cabinda a 14.500 kwanzas, enquanto para o Soyo custa 14.000 kwanzas. A passagem para Benguela e para Ondjiva está a ser cobrada a 17.000 kwanzas.

Periodicamente, garante Luís Arriegas, vêm especialistas do estrangeiro para dar formação aos técnicos da operadora. A Air 26 tem mais de 100 trabalhadores, sendo todos angolanos.

DIRECTOR DE OPERAÇÃO DA SJL AERONÁUTICA

“Transportamos 150 passageiros por dia”

A SJL Aeronáutica transporta entre 145 e 150 passageiros por dia, contabiliza o director de operações de terra, Natalício dos Santos. A empresa actua regularmente em apenas três províncias, com quatro destinos (Cabinda, Mbanza Congo, Soyo e Uíge) e, para breve, inicia voos para Benguela. “As condições estão a ser criadas”, adianta.

De regresso, o passageiro paga menos mil kwanzas. Já do Soyo para Cabinda e vice-versa, os bilhetes custam 8.500 kwanzas. “Este negócio já foi mais rentável. Agora com a abertura das vias terrestres, o negócio baixou um pouquinho, em termos de lucros”, regista Natalício dos Santos.

A SJL Aeronáutica, que começou a funcionar em 2005 com apenas um avião, tem 62 funcionários, entre angolanos e estrangeiros, que, segundo o director das operações de terra, são submetidos à inspecção e à formação periódicas.

A funcionar com nove aeronaves, sendo uma de carga, a companhia tem Cabinda como o principal destino, levantando voos para este local a partir de Luanda e do Soyo. A tarifa para Cabinda, saindo da capital, custa 12 mil

Damba (Uíge). Nesta última província, o aeroporto Manuel Quarta Punza foi inaugurado em Junho de 2014, mas não recebe voos comerciais. O aeroporto do Uíge reedita o da vizinha Kwanza-Norte, inaugurado, em 2012, com o nome de “Comandante Ngueto”, e que exigiu um investimento de 60 milhões de dólares. Aqui, há o registo de apenas um

voos por semana.

Benguela, por sua vez, tem dois aeroportos disponíveis, mas nenhum funciona em pleno. A transformação do Aeroporto Internacional da Catumbela custou cerca de 250 milhões de dólares, mas não tem, por enquanto, qualquer conexão internacional. O segundo, no caso, o Aeroporto 17 de Setembro, que cus-

tou cerca de nove milhões de dólares apenas funciona aos domingos, segundas, sextas e sábados, ou seja, quatro frequências semanais.

No Moxico, a reabilitação do aeroporto de Luena, em 2014, custou cerca de 40 milhões de dólares e hoje apenas a TAAG realiza um voo por dia. O maior investimento está na construção do futuro aeroporto internacio-

nal de Luanda. Quando concluído, terá capacidade para receber mais de 15 milhões de passageiros por ano, contra os três milhões actuais. Angola passará assim a ter três aeroportos internacionais, caso o de Catumbela seja certificado.

José Zangui

Observatório

GOVERNO PONDERA CRIAR NOVA OPERADORA

TAAG pode deixar de voar para as províncias

REESTRUTURAÇÃO. Uma nova empresa de aviação comercial pública, vocacionada para voos provinciais, deverá ser criada para substituir a TAAG, que vai ocupar-se apenas das rotas internacionais.

Por António Miguel

A

TAAG, companhia aérea pública, poderá, nos próximos tempos, deixar de realizar voos domésticos.

Fontes ligadas ao Ministério dos Transportes avançaram ao VALOR que o Governo está a estudar a possibilidade de criar uma outra operadora comercial vocacionada somente para voos internos. Deste modo, a TAAG, que viaja regularmente para nove destinos dentro do país, deverá dedicar-se apenas a voos internacionais.

Ainda não se sabe em que moldes, nem quando esta operação deverá acontecer, mas, recentemente, a transportadora pública reduziu a sua frota de voos provinciais de oito para cinco aviões, o que está a limitar a frequência de ligações domésticas.

Especialistas em aviação comercial, que falaram sob anonimato por razões contratuais, entendem que os voos domésticos não deverão ser ren-

táveis para a TAAG, por causa dos custos de operação e o fraco fluxo de passageiro. A empresa pública voa até para os destinos considerados de maior custo, mas de pouca rentabilidade, como é o caso de Menongue. “A TAAG só resiste em rotas dessa natureza por se tratar de uma empresa subvencionada pelo Estado. Aliás, já há rotas como a de Malanje e Uíge que deixou de fazer por falta de passageiros”, apontaram os analistas.

Na observação destes, o crescimento da transportadora aérea pública passa necessariamente pelo asseguramento de uma operação que permita a conquista do tráfego regional e intercontinental.

Apesar dos apertos das crises financeiras, a TAAG está à espera de duas novas aeronaves do tipo Boeing 777, que devem chegar em breve para aumentar as frequências nas rotas Lisboa e Havana. Nesse momento, a companhia conta com seis aeronaves 777 que operam rotas internacionais como Havana, São Paulo e Lisboa e Dubai.

Nos últimos anos, o Governo lançou, entretanto, um processo de reformas profundas na empresa que

culminou com um acordo que pôs a gestão da companhia nas mãos da Emirates. O contrato prevê um novo modelo de gestão para a TAAG, que passou a ser gerida por um conselho de administração, composto por nove membros, cinco dos quais indicados pela parte angolana (com apenas um executivo) e os restantes quatro, todos executivos, pela parte árabe, incluindo o seu presidente.

Informações indicam que a nova equipa, liderada por Petr Murray Hill, terá descoberto um desfalque na ordem dos nove milhões de dólares dos cofres da empresa. Os valores terão saído sob pretexto de compra de um motor de avião, que jamais chegou à TAAG. As reformas em curso na operadora pública atingiram também os colaboradores, que viram a supressão temporária de subsídios e vários analistas ouvidos pelo VALOR admitem que uma das próximas “batalhas” passará pela otimização dos recursos humanos. A TAAG tem à volta de 400 trabalhadores por aeronave, enquanto em média, as companhias aéreas da dimensão da TAAG têm entre 100 e 110 funcionários por aeronave.



TAAG pode apenas voar para o exterior

SERVIÇO EXECUTIVO

Os espaço dos voos privados

Criada em Novembro de 2009, a BestFly é uma companhia virada para o segmento dos voos privados, mas inclui o frete de carga e voa também para o exterior. Apesar de várias tentativas de contacto, O VALOR não teve sucesso em confirmar junto da empresa os serviços que presta ao público. Mas informações disponíveis no seu sítio oficial indicam que a operadora dispõe de vários serviços como aluguer, gestão e

manutenção de aeronaves, bem como planeamento de voos. Em termos de assistência a aeronaves e companhias aéreas, em Angola atende, em média, 15 voos diários. A equipa de gestão da BestFly é constituída por “técnicos experientes”, como declara a empresa, sendo a operadora uma das primeiras no país, a abraçar o SMS (Safety Management System) como ferramenta de gestão corrente.

Companhias internacionais que voam para Angola



LUFTHANSA
Número de aviões: 685
Tipo de frota: Airbus A380-800; Boeing 747-8; Boeing 747-400; Airbus A340-600; Airbus A340-300; Airbus A330-300 e Boeing BBJ 737-800 IG.



LAM
Número de aviões: 7
Tipo de frota: Boeing 737-200 Advanced Passenger; Embraer EMB-120 Brasília, De Havilland DHC-8-400 Dash 8/8Q e Embraer RJ 190.



BRITISH AIRWAYS
Número de aviões: 256
Tipo de frota: Airbus A 318, Airbus A 319; Airbus A 320 - 200; Airbus A321-200; Boeing B-737 - 400; Boeing B-747.



IBERIA
Número de aviões: 81
Tipo de frota: Airbus A-319; Airbus A-320; Airbus A-321 e Airbus A330.



AIR MARROCOS
Número de aviões: n/d
Tipo de frota: Airbus A321-200; Boeing B-737 - 500; Boeing B-737 - 400.



BRUSSELS AIRLINES
Número de aviões: 49
Tipo de frota: Airbus A319-100; Airbus A330-300; Avro RJ85; Avro RJ100; Boeing 737-300; Boeing 737-400.



EMIRATES
Número de aviões: 186
Tipo de frota: Airbus A 330; Airbus A 340 - 300; Airbus A 340 - 500; Boeing 777-200.



TAP
Número de aviões: n/d
Tipo de Frota: Airbus 340; Airbus 330; Airbus 321.

4.130

A ORGANIZAÇÃO da Aviação Civil Internacional analisou dados de mais de 1.400 companhias aéreas comerciais, 4.130 aeroportos e 173 prestadores de serviços.

PRINCIPAIS COMPANHIAS AÉREAS COM UM 'ANO DE OURO' EM 2015

Negócio dá lucros de 60 mil milhões

AVIAÇÃO. O preço baixo do petróleo contribuiu para os lucros recordes na aviação. O número de passageiros também subiu para 6,4%, mas África ficou-se pelos 0,1%.

mais de 950 milhões de pessoas, o que representa já 28% do total dos passageiros. Mas este aumento não é uniforme. Por exemplo, África só cresceu 0,1% no número de passageiros, enquanto os países do Médio Oriente registaram uma subida de 13,8%. A Europa teve uma subida superior aos 4,3%, o que representa 307 milhões de passageiros, mas só foram contabilizadas as 22 maiores companhias e os dados são da Associação das Companhias Aéreas Europeias (ACEA). No caso europeu, é uma subida que não se verificava desde 2011.

Os lucros representam um novo recorde na indústria. No entanto, um terço destes resultados pertence apenas às companhias norte-americanas que, além do preço do petróleo, beneficiaram pelo facto de terem um dólar forte.

A OACI regista que houve uma "maior atracção de passageiros" o que permitiu às empresas também ter uma "maior flexibilidade" para baixarem as tarifas.

A organização internacional analisou dados de mais de 1.400 companhias aéreas comerciais, 4.130 aeroportos e 173 prestadores de serviços. A OACI sublinha que o tráfego aéreo "continua a desempenhar um papel decisivo no estímulo ao crescimento do turismo e do comércio".

As estimativas apontam para que actualmente mais de metade dos turistas use o transporte aéreo e cerca de 35% do comércio mundial em valor é feito por avião.



MEMORIZE

● Qatar, a melhor

Pela terceira vez em cinco anos, a Qatar Airways foi eleita a melhor companhia aérea do mundo por uma consultora especializada, a Skytrax, com base na opinião dos passageiros. Foram tidas em conta as análises de mais 18 milhões de consumidores de 160 países que 'julgar' 275 empresas.

3,5

Mil milhões de passageiros circularam em todo o mundo.

AS 10 MELHORES...

- Qatar Airways (Qatar)
- Singapore Airlines (Singapura)
- Cathay Pacific (China)
- Turkish Airlines (Turquia)
- Emirates (Emirados Árabes Unidos)
- Etihad Airways (Emirados Árabes Unidos)
- ANA All Nippon Airways (Japão)
- Garuda Indonesia (Indonésia)
- EVA Air (China)
- Qantas Airways (Austrália)

...E AS PIORES DE 2015

- Air Koryo (Coreia do Norte)
- Bahamasair (Bahamas)
- Biman Bangladesh (Bangladesh)
- Bulgaria Air (Bulgária)
- China United Airlines (China)
- Cubana Airlines (Cuba)
- Iran Air (Irão)
- Lion Air (Indonésia)
- Mahan Air (Irão)
- Nepal Airlines (Nepal)

Fonte: Skytrax



Por Emídio Fernando

As principais companhias aéreas lucraram mais de 60 mil milhões de dólares o ano passado, de acordo com os dados divulgados pela Organização da Aviação Civil Internacional (OACI). Estes números significam também uma subida em relação a 2014, de 6,4% no número de passageiros e 42,9% nos lucros, o que se explica com a baixa do preço do petróleo que se fez sentir sobretudo em 2015.

Em todo o mundo, mais de 3,5 mil milhões de passageiros terão usado os voos regulares. Só as 'low-cost', companhias que praticam preços baixos, transportaram

ALTERNATIVA BAIXA

As companhias 'low cost' também aumentaram significativamente a sua importância. Uma tendência que se tem sentido nos últimos anos e que 2015 veio consolidar.

A OACI regista que os 950 milhões destes passageiros deram "um importante contributo para o crescimento" do negócio da aviação. Para 2016, a organização prevê uma "nova descida nos preços do petróleo aliada a uma melhoria económica" o que "deverá permitir que o tráfego de passageiros e o lucro continuem a rota ascendente".

Na Europa, os mais de 307 milhões de passageiros represen-

tam uma taxa de utilização de mais de 77%. O aumento é mais significativo nos voos domésticos e são números que entusiasma a direcção da ACEA.

Na União Europeia, a indústria da aviação emprega mais de dois milhões de pessoas e vale 150 mil milhões de dólares, segundo dados da Comissão Europeia. Por outro lado, não há dados concretos sobre o volume de negócios em África, especialmente porque o aumento residual de passageiros está ligado à presença de grandes companhias europeias, norte-americanas e asiáticas que têm licença para circular pelo continente.



ETHIOPIA AIRLINES
Número de aviões: 38
Tipo de frota: Boeing 737-700, Boeing 737-200



SOUTH AFRICA AIRLINES
Número de aviões: 54
Tipo de frota: Airbus 340, Airbus 330, Boeings 737



HOUSTON EXPRESS
Número de aviões: 1
Tipo de frota: Boeing 747-400



AIR FRANCE
Número de aviões: 251
Tipo de frota: Airbus A 318; Airbus A 319; Airbus A 320; Airbus A321; Airbus A380 .



KLM
Número de aviões: n/d
Tipo de frota: Airbus A330-200, Airbus A330-300, Boeing 737-700, Boeing 737-800, Boeing 737-900, Boeing 747-400, Boeing 747-400M



KENYA AIRWAYS
Número de aviões: 27
Tipo de frota: Boeing B-737-300; Boeing B-737-700; Boeing B-737-800; Boeing B-767-300ER; Boeing B-777-200ER, Embraer 170.



AIR NAMIBIA
Número de aviões: n/d
Tipo de frota: Airbus A340-300, Boeing B737-500 etc

Economia/Política

GUICHÉ ÚNICO ENTRA EM FUNCIONAMENTO ESTE ANO

Exportações não petrolíferas represen-

COMÉRCIO EXTERNO. Angola já exporta cerca de dez produtos para alguns países, num processo liderado pela CEEIA- Empresas Exportadoras e Internacionalizadas de Angola, que actualmente conta com 28 membros.



Por José Zangui e Isabel Dinis

O principal destino dos produtos angolanos são a China, Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos, Índia, França, Indonésia, Espanha, Portugal, Singapura e os países vizinhos, como a Namíbia, República Democrática do Congo e África do Sul. Do total das exportações, o sector não petrolífero representa apenas 2,6% e o diamante e o café destacam-se, seguidos das bebidas (cervejas e sumos), madeira, rochas ornamentais, pescado e banana. A CEEIA, através do seu presidente, confirma a exportação de 10 produtos, mas Agostinho Kapaia antecipa que a organização está a fazer um levantamento junto das empresas por “acreditar” que o número de produtos que o país exporta seja superior. O responsá-

vel não avança o volume das exportações, justificando que as empresas ainda “não conseguem divulgar dados exactos”.

Estudos divulgados pelo Instituto Nacional do Café (INCAFE) revelam, no entanto, que a exportação de café rendeu a Angola mais de dois milhões de dólares em 2015, e teve como principais compradores, Portugal, Itália, França, Espanha, Estados Unidos da América e Emirados Árabes Unidos.

O Instituto de Desenvolvimento Florestal indicou, em 2012, que cerca de 12 mil metros cúbicos de madeira

em toro são exportados anualmente para países europeus, apesar de se registarem “timidamente” exportações para a China, Japão e Estados Unidos da América. Novas revelações de Agostinho Kapaia, já divulgadas pelo VALOR, indicam que, em 2015, a madeira facturou mais de 150 milhões de dólares, em exportações.

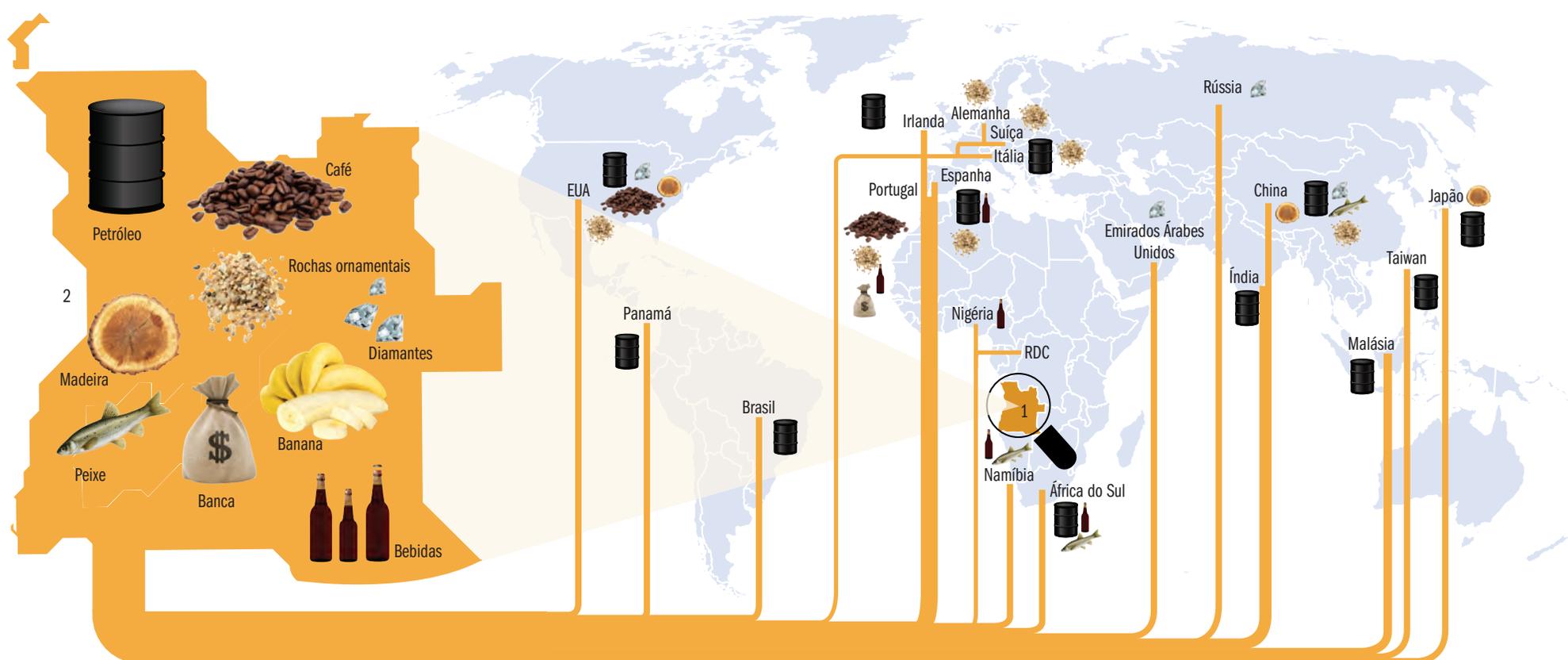
UM GUICHÉ ÚNICO

Para impulsionar as vendas dos produtos angolanos fora, Angola vai criar o Guiché Único de Exportação, este ano, e um centro logístico para facilitar os empresários no comércio internacional, segundo confirmou ao VALOR o administrador para a área de exportação da Agência para a Promoção do Investimento e Exportações de Angola (APIEX), Lopes Paulo.

Até à década de 1970, o país foi uma espécie de “reservatório de matérias-primas” por explorar. Em 1973, as principais exportações eram ainda o petróleo 30%, café 27%, diamantes 10%, minérios de ferro 6%, algo-

MEMORIZE

● Um guiché de exportação está a caminho para impulsionar as vendas dos produtos angolanos fora. Angola vai criar o Guiché de Exportação, este ano, e um centro logístico para facilitar os empresários no comércio internacional.





O FMI considerou, na semana passada, que a economia global está cada vez pior e o mundo a entrar num “lugar cada vez mais arriscado e violento”. “O mundo está a crescer pouco há demasiado tempo”, avisou Maurice Obstfeld, economista-chefe do FMI.

3.609

Pelo menos 3.609 turistas visitaram o Huambo, entre Janeiro e Março, mais 707 em relação ao período homólogo do ano anterior, segundo dados da direcção do Comércio, Hotelaria e Turismo.

entam apenas 2,6%

dão 3% e sisal 2%.

Agostinho Kapaia lembra que “Angola possui imensas potencialidades para produzir em vários sectores, o que pode concorrer para a elevação das exportações não petrolíferas”.

A ideia da criação do Guiché Único de Exportações já está numa fase avançada. Vai englobar, numa única estrutura, a representação de entidades que interferem no processo das exportações, como as alfândegas, a Polícia Fiscal, o porto, bancos, os laboratórios de análise e certificação, a câmara dos despachantes e outros sectores implicados.

Como exemplifica Lopes Paulo, se um empresário quisesse exportar a madeira precisaria de contactar o Instituto Nacional de Desenvolvimento Florestal para a devida classificação e, dentro do guiché, o requerente vai encontrar um representante da instituição. “O objectivo é que o exportador entre em contacto com o Guiché e resolva toda a tramitação administrativa”, insiste.

Lopes Paulo revelou que o que motivou a criação dessa ferramenta foram os “constrangimentos de exportadores que perdem muitas vezes o navio, não por não terem o produto, mas porque umas das entidades falha ou realiza com atraso o trabalho”. Para se avançar o processo de facilitação das exportações está a ser criada uma legislação do Guiché. Já foi criada uma primeira versão do estatuto e uma versão do decreto presidencial. “O país pretende colher experiências de outros países como Moçambique, que tem o corredor único de exportação”.

O administrador da APIEX lembrou que não é apenas um processo administrativo, porque, em termos de tributação, as exportações estão “quase” isentas de pagamento de impostos. Inicialmente, o Guiché vai funcionar em Luanda. Pretende-se também expandir ao Porto do Soyo, Lobito, Cabinda e Namibe, Luau na fronteira com a Zâmbia, e um entreposto logístico que vai ser criado entre Namibe e Huíla.

28

Empresas exportadoras e Internacionalizadas, incluindo bancos e o Instituto de Fomento Empresarial, registadas até 2016.

12

Mil metros cúbicos é a quantidade de madeira exportada anualmente para países europeus, de acordo com dados do Instituto de Desenvolvimento Florestal.

AGOA pouco divulgado

A Lei para o Crescimento e Oportunidade de África (AGOA) é uma das aberturas de que Angola dispõe, desde 2003, para poder exportar produtos para os Estados Unidos da América.

No entanto, o canal tem servido somente para a exportação de petróleo, numa lista de 4.800 produtos que podem ser exportados com isenção de direitos aduaneiros.

O economista Lopes Paulo entende que o AGOA tem sido pouco divulgado, sobretudo do ponto de vista “do que é e de como funciona”. “O Governo está a trabalhar num processo de criação da estratégia nacional de implementação deste mecanismo e uma delas (estratégias) passa por divulgar as vantagens desse mecanismo.”

No ano passado, durante um seminário promovido pela embaixada dos EUA, a antiga ministra do comércio Rosa Pacavira revelou que, para exportar produtos, além do petróleo, para os Estados Unidos, terá de haver primeiro a emissão de um certificado de autorização.

“Depois tem de se passar pelo Ministério do Comércio para se certificar o produto junto do laboratório de qualidade das agências reguladoras. Só depois disso é que o produto passa a ser elegível”, detalhou.

O AGOA tem definições específicas dos produtos que são exportados, como químicos usados, os químicos testados, coloração, diâmetro, embalagem e colocação de um código de barras que Angola ainda não possui.



PUB

www.macontransp.com



macon
Seu Destino, nosso Objectivo!

plonejo.com.br

Aluguer, Fretamento & Turismo

A Macon Transportes está presente por toda Angola, excepto Cabinda, transportando pessoas para lazer ou trabalho há mais de 14 anos.

Realizamos os serviços de Aluguer, Fretamento e Turismo, para atender viagens de passeios, negócios e encontros diversos, além de soluções customizadas e adequadas para o transporte de funcionários de empresas entre suas casas e locais de trabalho.

Dispomos de estrutura própria de atendimento e a frota mais nova do país, monitorada via satélite que significa maior segurança e pontualidade durante as viagens.

Fretamento



Urbano



Conforto para todo tipo de Viagem



Turismo



Autocarros Monitorados Via Satélite



A Macon têm as melhores opções para suas necessidades em Transporte, com serviços diferenciados com foco total no Conforto, Segurança e na Qualidade.



comercial@macontransp.com

923 61 61 58 / 226 21 35 04

Economia/Política

PROCESSO DEVE PASSAR PRIMEIRO PELO CONSELHO DE MINISTROS

Censo Geral Agropecuário adiado para 2017

ESTATÍSTICA. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) terá já garantido apoio técnico à operação, estando o arranque do processo somente a depender de “questões legais”.

Por Isabel Dinis

MEMORIZE

● Esta será a primeira a primeira vez, desde a independência, que Angola realiza um Censo Geral da Agropecuária. Organizações internacionais estabelecem que um país realize o censo agropecuário, pelo menos, de cinco em cinco anos ou de dez em dez.

A realização do Censo Geral Agropecuário já não ocorrerá este ano, conforme estava inicialmente previsto, “por alegadamente estar a depender ainda de questões legais e pela elaboração de documentos que têm de ser remetidos ao Conselho de Ministros”, para eventual aprovação, revelou ao VE fonte da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO).

A fonte não detalha as condicionantes legais, mas aponta que o processo está a ser preparado pelo Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural e pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), com o apoio da FAO e deve arrancar ape-

nas no próximo ano. “O processo só deverá arrancar em 2017, mas o censo-piloto deverá já ocorrer no próximo mês de Junho”, antecipa, indicando que as data para a realização da fase preparatória foram delimitadas em Fevereiro e Março.

A realização do censo-piloto deverá ocorrer somente em algumas províncias, com destaque para Uíge, Malanje, Benguela, Huambo e Kwanza-Sul.

Para a efectivação da primeira fase, a FAO já disponibilizou cerca de 200 mil dólares e fez deslocar a Angola consultores ligados à planificação de metodologia.

Em recentes declarações à imprensa, o director do Instituto de Cereais de Angola, Benjamim



Castelo, admitiu que a realização do Censo Agropecuário estava prevista para este ano, mas que estava atrasada, “sem data prevista, por causa da conjuntura económica do país”.

O Censo Geral Agropecuário, segundo dados oficiais, deverá ser realizado em todo o território nacional e contará também com o apoio técnico e financeiro do Banco Mundial que já deu uma “resposta positiva” em Novembro do ano passado.

Na nova planificação, o censo está previsto realizar-se em quatro anos. Depois da realização do censo-piloto, previsto para este ano, e a

execução do programa, em 2017, o que virá a seguir é a divulgação dos resultados, em 2018. Prevê-se, para 2019 e 2020, a realização dos módulos complementares e os inquéritos por amostragem em áreas específicas, nomeadamente pecuária, agricultura e pesca.

Esta será a primeira a primeira vez, desde a independência, que Angola realiza um Censo Geral da Agropecuária. Organizações internacionais estabelecem que um país realize o censo agropecuário, pelo menos, de cinco em cinco anos ou de dez em dez.

INDÚSTRIA PANIFICADORA

Estrangeiros controlam 70% do negócio

Cerca de 70% do micro, pequenas e médias empresas de panificação e pastelaria que operam em Luanda são propriedades de estrangeiros, revelou, recentemente, em Luanda, o presidente da recém-proclamada Associação dos Industriais de Panificação e Pastelaria de Angola (AIPPA), Gilberto Simão.

O número exacto de empresas não foi divulgado, porque, segundo o presidente da Associação Empresarial de

Luanda, Francisco Viana, há dificuldades financeiras para se colocar pessoas no campo para se fazer o levantamento, “mas rapidamente é possível calcular que grande parte está nas mãos de estrangeiros”.

Estrangeiros que em “grande parte exploram este sector, em situação ilegal, não cumprem com as obrigações fiscais e não respeitam as condições higiénicas exigidas”, denunciou Gilberto Simão.

Numa plateia em que estiveram também estrangeiros, sobretudo libaneses e chineses, para amenizar

os ânimos, o presidente da Associação Empresarial de Luanda, Francisco Viana, afirmou que “o comerciante estrangeiro é bem-vindo, mas destaca a necessidade de haver maior regulação na intervenção dos mesmos para não se aniquilar o nacional”.

Os estrangeiros excedem o horário de trabalho, “comem e dormem nos locais de serviço, gozam de grande poder financeiro e monopolizam a importação da matéria-prima, farinha de trigo, provocando concorrência desleal”,

insistiu o presidente da AIPPA.

Dados oficiais indicam que actualmente Angola importa 100% da matéria-prima necessária à indústria panificadora e pastelaria. As moagens que existiam estão paralisadas, embora as estruturas físicas continuem em pé. São os casos da Moagem Kianda e Kwaba que agora passaram a ser armazéns.

A Associação dos Industriais de Panificação e Pastelaria de Luanda, proclamada a 21 deste mês, é composta por 25 membros.

Da lista dos recém-empossados, constam os nomes de José Moreno, ex-administrador do município de Viana, indicado para o cargo de presidente da assembleia-geral, tendo, como adjunta, Severina Coelho.

O acto de proclamação do núcleo provincial de Luanda da AIPPA contou com a presença do governador de Luanda, Higinio Lopes Carneiro, e serviu também para a aprovação do programa do Congresso da Associação Empresarial de Luanda, agendado para Julho.

José Zangui



A FALTA DE UM SUBSÍDIO de gasóleo agrícola, a dupla tributação das matérias-primas, a protecção aduaneira e a falta de estímulos públicos para o investimento são algumas das dificuldades que a actividade empresarial nacional enfrenta actualmente, admitiu recentemente, em Luanda, o ministro da Economia, Abrahão Gourgel.



AS OBRAS DE ENGENHARIA CIVIL da barragem de Laúca, Cambambe, estão concluídas na ordem dos 77%, tendo já consumido, até ao momento, 2 mil milhões de dólares dos 5 mil milhões previstos, assegurou Elias Estevão, director de projecto.



O evento decorre no próximo mês de Maio

DIFICULDADES FINANCEIRAS PROVOCAM DESISTÊNCIAS

Expositores tradicionais ausentes da FIB

ATRACÇÃO DE INVESTIMENTOS. A Arena Eventos diz ter tudo ‘arrumado’ para o arranque da 6ª. edição da Feira Internacional de Benguela, a partir de 18 de Maio, mas lamenta a morosidade nas inscrições e a desistência de tradicionais expositores.

Por José Zangui

Arena Eventos explica que até ao momento terão sido já aplicados 50 milhões de kwanzas na organização da 6ª. edição da Feira Internacional de Benguela, segundo indicação da Arena Eventos. O montante em causa foi repartido entre custos de logística, transporte, montagem, manutenção e desmontagem, recur-

sos humanos, publicidade e comunicação, entre outras operações.

Na edição passada, estiveram presentes 220 expositores. Para este ano, até à data do fecho da edição, do VALOR estavam inscritas apenas 120 expositores, esperando-se que se atinjam 200 empresas, menos vinte que na edição anterior.

Este ano, algumas das empresas tradicionais estão a optar por reduzir os espaços para exposição de produtos e serviços, “por alegadas dificuldades financeiras”, enquanto outras, pelas mesmas razões, estão a desistir, abrindo espaço para novas empresas.

De acordo com a gestora de comunicação da Arena Eventos, Célia Cordeiro, o processo de inscrição das empresas tem sido mais

moroso, sendo que “muitas aguardam pelos seus resultados do primeiro trimestre para decidirem a sua participação”.

Face à realidade, a FIB efectuou uma actualização nos preços de tabela. Por outro lado, tem apostado na realização de protocolos de parceria com algumas associações, oferecendo descontos aos seus associados, como é o caso da AIA (Associação Industrial de Angola) e da CEEIA (Comunidade de Empresas Exportadoras e Internacionalizadas de Angola), permitindo, desta forma, contribuir para manter os mesmos níveis de participação dos anos anteriores.

Em termos de novidades, a presente edição dá particular desta-

50

Milhões de kwanzas, valor investido

37

Sectores de actividades representados

12

Mil metros quadrados de área ocupada

EM BENGUELA

Fórum debate agronegócio

Sob o lema “A Agro-Indústria como vector do desenvolvimento em Angola – contexto e perspectivas”, a província de Benguela acolhe na sexta-feira, 29, a segunda edição do Benguela Economic Forum (BEF) que promete juntar um conjunto de empresários, dirigentes, gestores e personalidades da sociedade civil e do mundo académico para debater as oportunidades que a crise pode trazer para os sectores da agro-indústria e do agri-business.

José Bucassa, CEO da PROA (empresa que organiza o BEF), acredita que a actual conjuntura é propícia a potenciar os investimentos e as várias oportunidades que se afiguram neste sector, a julgar pelo “vasto mercado de consumidores existente” que, segundo calcula, serão “cerca de 25 milhões de pessoas para alimentar”. O gestor lembra, no entanto, que, apesar da crise, existem sempre necessidades para os produtos do sector agroindustrial.

O BEF promete analisar o contexto actual do país, através de uma breve projecção às políticas e tendências para o crescimento do sector, e ainda as potencialidades deste cluster a nível da região.

As oportunidades de financiamento e de investimento constam igualmente dos temas a debater, pois “a questão do financiamento assume-se como um dos quatro pilares fundamentais do processo de desenvolvimento e crescimento do sector, em particular em nível da província de Benguela e da região centro-sul de Angola”, frisa José Bucassa.

As prioridades para a formação do capital humano e os aspectos da qualidade e da segurança alimentar são outros dos temas que compõem os vários painéis de debate, com vista à discussão sobre as melhores práticas e experiências, nacionais e internacionais, neste domínio.

que à parceria realizada com numa empresa local que irá assegurar um serviço de transfer diário (transporte de passageiros) para o estádio nacional de Ombaka.

Segundo a organização, este serviço estará disponível a partir dos municípios de Benguela e Lobito, durante a realização da feira e tem um custo, por viagem, de 100 kwanzas. Prevê-se também a realização de conferências, workshops e seminários.

A expectativa dos organizadores é de que o momento seja aproveitado pelos intervenientes para a troca de contactos de negócios e promoção do potencial económico e regional do Sul.

Organizada pela Eventos Arena e patrocinada pelo Governo de Benguela, a feira decorre de 18 a 22 de Maio. A FIB tem, como principal objectivo, mostrar o potencial económico e industrial da região litoral e sul do país, “quebrando a tradição da realização de feiras apenas em Luanda e de atrair investidores nacionais e internacionais capazes de contribuir para o progresso da região”.

Mercado & Finanças

ALTERNATIVA AO PETRÓLEO

Sonangol vira-se para a exploração de gás

EXPLORAÇÃO DE GÁS. As empresas petrolíferas não têm como explorar o gás condensado que vai sendo descoberto nos campos da Bacia do Kwanza e de Benguela. A justificação é a falta de um plano director.

Por Cândido Mendes

Numa altura em que se encontra num processo de reestruturação, a petrolífera pública Sonangol anunciou, para breve, o início de contactos com o operador da concessão do bloco 24/11 para discutir o aproveitamento,

desenvolvimento e monetização dos recursos de gás natural descobertos.

A Bacia do Kwanza, onde se situa o bloco 24/11, contém quase exclusivamente gás condensado, de acordo com indicações das petrolíferas internacionais que desenvolvem pesquisas nos seus campos. Mas, por falta de um plano director do gás, essas empresas catalogam apenas as descobertas, incluindo a localização dos poços, e entregam os mapas à Sonangol, segundo avançou ao VALOR fonte da British Petroleum. “Há poços que só têm mesmo gás e, como nós não

temos contrato de exploração de gás, devolvemos o reservatório à Sonangol”, reafirma a fonte.

A explicação para a ausência de contratos de exploração de gás é o facto de o país nunca ter desenvolvido um plano director do gás.

Ao contrário do gás natural liquefeito (LNG) que é ‘associado’ à produção do petróleo, logo encontrado no mesmo processo de produção do crude, o gás condensado desenvolve-se em reservatórios próprios. Segundo estimativas, estão em causa 139 milhões de barris de gás condensado e 2,5 biliões de pés cúbicos, o



Mário Mujetes/VE

equivalente a 570 milhões de barris de ‘ouro negro’ para as contas da Sonangol. “Numa altura em que muitos campos petrolíferos estão a entrar em declínio de vida útil, a produção do gás é uma boa opção”, considerou a fonte da BP.

O plano director do gás “vai definir a legislação adequada e um quadro regulatório, contratual, tributário e fiscal que permita o contínuo investimento para a confirmação do potencial de exploração de gás natural e para a monetização dos recursos descobertos no quadro geral da estratégia para a gaseificação

da nossa economia,” indica um comunicado da Sonangol.

Para produzir o gás, o país vai ter de construir uma fábrica onde será canalizado e processado todo o gás explorado, tal como acontece com a Angola LNG no Soyo. Aquela fábrica ficou orçada em mais de nove mil milhões de dólares e contabiliza vários anos para a sua conclusão. “Tudo depende das prioridades que Angola estabelecer. Mesmo em três anos pode ser construída”, calcula a fonte, referindo-se à fábrica de gás condensado.

PELA SEGUNDA VEZ DESDE QUE INICIOU OPERAÇÕES

Lucros do Standard Bank Angola sobem 133,6% em 2015

Por Nelson Rodrigues

As operações do Standard Bank Angola (SBA) registaram lucros de 5.238 milhões de Kwanzas, entre Janeiro e Dezembro do ano passado, um aumento de 133,6% face aos 2.242 milhões Kwanzas inscritos nas

contas de 2014, indicam números do balanço da entidade.

A ajudar estão os 17.881 milhões de kwanzas de receitas recolhidas durante todo o ano de 2015 e os ganhos com o aumento das operações de créditos e depósitos que, no período, cresceram 20 e 47%, respectivamente, além das operações cambiais e diversas comissões de serviços bancários prestados.

Esta é a segunda vez, desde 2014, que o banco liderado por António Coutinho regista lucros

desde que iniciou operações em Angola, há cinco anos. Em 2013, a contabilidade do banco apontava para um prejuízo superior a mil milhões de kwanzas.

Os activos da instituição bancária também deram um avanço de 46,7%, ao saírem de 203.368,4 milhões no balanço de 2014, para 298.412 milhões no ano passado.

De acordo com o banco, o desafio de “crescer” vai continuar e já há programas para o exercício financeiro de 2016, dos quais se destacam o “aperfeiçoamento

nas infraestruturas para melhor incrementar a operação em curso, e atingir o volume de negócios esperado pelos accionistas”.

O mesmo tinha sido projectado em 2014, ano em que o banco iniciou a corrida para os lucros. No período, e de acordo com o respectivo balanço, a entidade direccionou as suas acções a um programa de apoio à economia angolana, por via da estruturação de operações de grande dimensão ou na concessão de crédito ao Estado”.

O financiamento estender-se-ia a pequenas, médias e grandes empresas nacionais, ou a multinacionais com actividade económica no país. “O sector do petróleo e gás natural cresceu bastante durante 2014 e continua a ser aquele que tem maior peso [na economia], mas começamos a sentir o retalho e o sector de bens de grande consumo a ganhar relevância”,

46,7

Por cento corresponde ao aumento dos activos em 2015.

justifica a administração, no balanço de 2014.

O resultado da estratégia aparece reflectido no crescimento da carteira de crédito concedido, que, no exercício de 2014, contabilizou 44.276 milhões de kwanzas, um crescimento acima de 25% face a 2013. A aplicação de recursos em títulos de dívida pública é outra aposta do banco, que “ascendia a 31 de Dezembro de 2014 os 64.071 milhões, reflectindo um aumento de 104%”, explica o balanço.



O BNA vai analisar até ao fim de Junho as auditorias às contas da banca comercial e reforçar a supervisão com um 'novo' pacote de medidas para integrar recomendações do Grupo de Acção Financeira contra a lavagem de dinheiro, anunciou o governador Válder Filipe, à revista Capital Finance Internacional.



O BDA disponibilizou duas linhas de crédito para a banca comercial, no valor de 35 mil milhões kwanzas, anunciou o administrador Carvalho Neto, durante o fórum do empresariado nacional, organizado pela instituição.

REDUÇÃO DA EXPOSIÇÃO DA BANCA PORTUGUESA A ÁFRICA

Portugal antecipa retaliações por parte de Angola

CONFLITO. Empresária angolana vê desvalorizada a sua posição no BPI e BFA com a aprovação de um decreto-lei de desblindagem de estatutos accionistas na banca portuguesa, que lhe retira o poder de veto entre os sócios. Tendo em conta outros interesses de Angola em Portugal e o facto de o BFA ser um banco angolano, aguarda-se uma reacção de Angola.

Por Nelson Rodrigues

A intervenção do Banco Nacional de Angola (BNA) e do Governo angolano pode pesar na resolução do caso que envolve os bancos BPI, BFA e CaixaBank, em que estão em causa centenas de milhões de dólares da empresária Isabel dos Santos, de acordo com perspectivas de especialistas ouvidos pelo VALOR.

De Angola, não saiu ainda nenhuma reacção oficial do caso de 'redução de exposição do BPI a Angola', nem por via do Governo, nem do BNA. O consultor financeiro Galvão Branco defende que o banco central tem um "papel determinante" e que tem "instrumentos de natureza jurídica e administrativa que permitem conviver com estas situações, sem



fazer recurso a medidas tão extremas como seria o caso da nacionalização do BFA".

O governo português teve uma intervenção directa na negociação entre a empresária angolana e os espanhóis do CaixaBank, com a aprovação de um decreto que determina o fim da desblindagem accionista na banca portuguesa. O presidente da Asso-

ciação de Bancos de Angola, Amílcar Silva, entende que o BNA deve "ter uma intervenção" para preservar os interesses do banco em Angola.

Quase todos os envolvidos no processo de 'redução de exposição do BPI a Angola' já emitiram parecer. Desde accionistas do banco, ao CaixaBank, Unitel e a Santoro, o Banco Central Europeu (BCE), a

Comissão de Mercado de Valores Mobiliários de Lisboa (CMVM) e o governo de Portugal e banqueiros como Nuno Amado, PCA do Millenium BCP, que criticou o decreto que afecta as relações accionistas de todos os bancos, desrespeitando contratos pré-assumidos internamente.

O decreto pode afectar outros interesses angolanos em Portugal, nomeadamente da Sonangol que é accionista maioritária de um banco português, o Millenium BCP, e também os interesses na banca em Angola. O primeiro ministro português está a preparar uma viagem a Luanda numa tentativa de apaziguar possíveis represálias de Angola.

Isabel dos Santos é accionista do BFA, por via da Unitel, com 49,9%, do banco angolano controlado em 50,1% pelo BPI. A empresária detém também 18,58% do capital do BPI, pela Holding Santoro Finace. Com a aprovação do decreto que retira o poder de veto, a posição de Isabel dos Santos no negócio passou de 'estável' para 'de risco'

REACÇÕES



Galvão Branco,
Consultor financeiro

Face ao posicionamento do BFA, é desaconselhável a perda de identidade do banco. O BNA tem um papel determinante no desfecho desta operação, tendo presente o interesse nacional.



Amílcar Silva,
Presidente da Associação de Bancos de Angola (ABANC)

Angola está livre de criar uma legislação que obrigue a que, um banco estrangeiro que queira deter 30% aqui tenha de ter um certo capital mínimo. Pode acontecer o inverso. O BNA pode obrigar que o BFA aumente o capital e eles [BPI e La Caixa] também.

CRONOLOGIA

DEZEMBRO DE 2014 – Com o último balanço financeiro do BPI, em que o BFA respondia por mais de 50% dos proveitos, o Banco Central Europeu impõe aos bancos europeus com exposição a África um prazo – 10 Abril de 2016 – para a resolução da exposição ao sistema financeiro africano. Angola e Moçambique são os mais visados, dada a presença considerável de capital português. Estão associados factores de "supervisão", que para o BCE, "não está ao nível da supervisão europeia".

FEVEREIRO 2015 – Início das 'hostilidades' entre os espanhóis do CaixaBank e Isabel dos Santos, com a primeira tentativa de OPA dos espanhóis ao BPI, em oferta a valer 1,329 euros por acção.

JUNHO 2015 – Isabel dos Santos 'chumba' a oferta

do Grupo La Caixa, fazendo valer os seus 18,58% e o direito de veto. A lei favorece-a. Ninguém vota com mais de 20%, mesmo que tenha 44,1%.

JANEIRO DE 2016 – A Unitel faz uma oferta ao BPI de 140 milhões de euros para comprar 10% do BFA, o que resolveria a questão da exposição do BPI a Angola. A proposta é recusada pelo BPI.

MARÇO 2016 – Com o aproximar do prazo, os sócios retomam diálogo. CaixaBank toma a participação da Santoro no BPI e este compra parte da posição do BPI no BFA. Espanhóis recuam.

ABRIL 2016 – O primeiro-ministro português, António Costa, põe 'mão' no processo, empenhando-se num possível acordo. O limite de cumprimento

das exigências do BPI está a uma semana do prazo.

10 DE ABRIL – A CMVM anuncia o acordo entre Isabel dos Santos e os espanhóis do CaixaBank no BPI.

17 E 18 ABRIL – CaixaBank anuncia ruptura, acusando Isabel dos Santos de "desrespeito". No mesmo dia, a empresária reage: "O acordo entre Santoro e CaixaBank nunca foi finalizado. É falso ter existido qualquer quebra do acordo da parte da Santoro."

19 DE ABRIL – Portugal promulga a lei que 'desblinda' estatutos das instituições de crédito e deixa de limitar os direitos de votos dos accionistas. A Santoro de Isabel dos Santos reage, em comunicado, e acusa Lisboa de "favorecer" uma das partes, CaixaBank e o BPI.

Mercado & Finanças

PRESSIONADO PELA REDUÇÃO DE RECEITAS EM DÓLARES

Kwanza desvalorizado sete vezes nos quatro primeiros meses do ano

DIVISAS. Há 106 dias que o peso da moeda nacional não pára de cair. De Janeiro a Abril, kwanza sofreu sete desvalorizações, com uma queda de 6,6%. O dólar 'saltou' dos 156,3 kwanzas para 166,7. Um estudo da Universidade Católica de Angola defende uma desvalorização imediata de 20%.



Por Nelson Rodrigues

O preço oficial do dólar aumentou 6,6%, de Janeiro a 15 de Abril deste ano, ao sair de 156,3 para 166,7 kwanzas, resultado de sete desvalorizações da moeda nacional face à norte-americana num intervalo de 106 dias, revelam números do Banco Nacional de Angola (BNA), divulgados no seu site.

De acordo com o quadro de taxas de câmbio do banco central, Janeiro foi o mês em que o kwanza se manteve estável, ou seja, com uma única depreciação de 15% desde Dezembro, ao evoluir de 135,9 para os 156,3 kwanzas.

Seguem-se Fevereiro e Março, ambos com duas desvalorizações seguidas com o dólar a ficar entre os 158,6/159,7 kwanzas e 160,6/161,4 kwanzas.

A marcha da desvalorização chega a Abril. Nas duas primeiras semanas, a moeda nacional sofreu igualmente duas desvalorizações designadamente de 163,7 e 166,7 kwanzas, com o BNA a apertar em 1,8% no preço do dólar vendido aos bancos comerciais.

De acordo com relatório económico de 2015, do Centro de Estudos e Investigação Científica (CEIC) da Universidade Católica de Angola, o kwanza deve sofrer uma desvalorização imediata face ao dólar de até 20%, para travar a especulação no mercado paralelo.

Estes últimos aumentos na taxa oficial de câmbio não foram justificados pelo banco central. No ano passado, a quebra na cotação do kwanza face ao dólar foi fundamentada pelo então governador do BNA como meio de 'aperto' à política monetária.

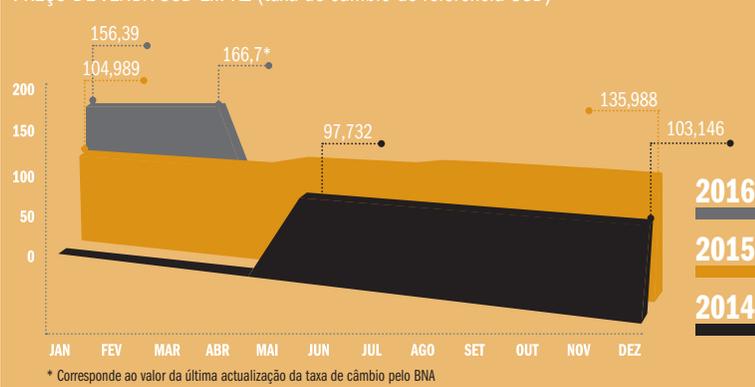
Ao falar ao bancários, no ano passado, José Pedro de Moraes considerou que "se o mecanismo de transmissão da política monetária for suficientemente eficaz, o aumento das taxas de juro do mercado monetário interbancário deverá influenciar (...) as taxas de juro dos títulos públicos. Num segundo momento, ajustar-se-ão as taxas de juro dos depósitos a prazo (...), incentivando a procura por moeda nacional. Se a procura da moeda nacional aumentar, reduzirá a procura por moeda estrangeira, reduzindo-se, igualmente, a pressão sobre a taxa de câmbio".

Desde então, seguiu-se uma 'cruzada' para a depreciação do kwanza. Mas a medida já vem de longe. Desde Junho de 2014 que o Kwanza perdeu terreno face ao dólar em cerca de 70% no mercado oficial, ao sair de 97,8 kz para os actuais 166,7 kz, por cada dólar.

No mercado informal de câmbio, a quebra foi abismal, com a nota de 100 dólares a rondar, actualmente, os 35.000 e os 40.000 kwanzas. Estas transformações já despertaram a atenção de vários operadores económicos, que pedem uma intervenção do BNA.

A MARCHA DA DESVALORIZAÇÃO DESDE JUNHO DE 2014

PREÇO DE VENDA USD EM KZ (taxa de câmbio de referência USD)



Kwanza fraco, produtos mais caros

Com o kwanza mais fraco, o aumento do preço dos produtos é das consequências mais imediatas, porque o país importa grande parte do que consome entre bens e serviços. Com a valorização do dólar, estes produtos ficam mais caros na moeda nacional. Este é um caso que, para o economista Lopes Paulo, se resolve com a "melhoria da oferta [de divisa]" e "contenção dos especuladores" pela instituição reguladora agora controlada pelo jurista Valter Filipe Duarte da Silva. "Por enquanto, não se pode atribuir as alterações à

comercialização do dólar numa política consistente, porque as pessoas continuam a ter dificuldades em adquirir divisas", disse Lopes Paulo, em declarações recentes ao Nova Gazeta.

O gestor bancário Filipe Lemos, por seu turno, faz coro com as justificações do ex 'patrão' do BNA, José Pedro Moraes. Ao VALOR, aponta a "demanda pelas divisas" como factor das oscilações cambiais. "A desvalorização da moeda nacional face às principais divisas resulta da pressão exercida sobre as reservas cambiais,

ou seja, a demanda pelas divisas tem superado em muito as disponibilidades e (...), quando a procura de um bem ou serviço é maior do que a oferta, o preço aumenta", explica o administrador do Banco Pungo Andongo.

O banco central, ao desvalorizar sucessivas vezes o kwanza, procura o equilíbrio ou estabilidade cambial, entende Filipe Lemos. "Um dos principais efeitos desta operação é a diminuição da pressão sobre as cambiais, pois importa-se menos, viaja-se pouco, etc.", defende o bancário.

VEJA AS FASES DECISIVAS DAS LIGAS EM **SINAL ABERTO.**

zap
A minha TV



SINAL ABERTO
DE 20 ABRIL A 9 MAIO.



CANAIS DISPONÍVEIS EM **SINAL ABERTO**



Canais 20 ao 23

Canal 24

Canais 25 e 26 HD

Canal 27



Canal 28

Canal 38

Canal 39

O MELHOR QUE HÁ É NA ZAP QUE DÁ.



LIGUE
935 555 500

apoio.cliente@zap.co.ao
Todos os dias, incluindo feriados,
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em www.zap.co.ao e siga-nos



Empresas & Negócios

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS AO SECTOR PETROLÍFERO EM DECLÍNIO

Negócios caem mais de 50%

PETRÓLEO. Vários trabalhadores de empresas prestadoras de serviços à indústria petrolífera foram despedidos, nos últimos dois anos, por causa da redução da carteira de negócios.

Por António Miguel

O volume de negócios das empresas prestadoras de serviços às produtoras de petróleo caiu de 20 mil milhões para menos de metade, nos últimos dois anos, segundo o presidente da Associação das Empresas Contratadas da Indústria Petrolífera Angolana (AECIPA). Bráulio de Brito não confirma informações que dão conta de que algumas empresas do sector estariam em vias de encerrar portas, mas garante que a crise do preço do barril do crude provocou uma redução na ordem dos 50% da carteira de negócios dessas firmas.

Houve, por exemplo, contratos assinados que não foram implementados. “Um dos principais impactos é a redução drástica dos serviços disponíveis, por haver pouca rentabilidade. Há poucos

serviços e incentivos para que se crie novos projectos”, declara. Criada em 2002, a AECIPA é constituída por 150 empresas e até 2015 representava cerca de 20 mil postos de trabalho. Mas, por força da redução dos serviços, boa parte dos trabalhadores têm sido despedidos. Ainda não há informações estatísticas sobre o número de funcionários que já foram para casa. A associação está a recolher os dados juntos das empresas. “Não é uma situação fácil de conviver. Temos de despedir pessoas que são o suporte das suas famílias. Torna-se mais difícil ainda por se tratar de angolanos”, lamentou Bráulio de Brito.

As operadoras reclamam também pelos constrangimentos no acesso às divisas. Não conseguem fazer pagamentos aos fornecedores fora de Angola e sentem dificuldades na conversão de salários em dólares para kwanzas. “Temos interações com o Ministério dos Petróleos para encontrarmos uma base de ajustamento da conversão. Estamos à procura de um alinhamento para que nem os traba-



Bráulio de Brito, presidente da Associação das Empresas Contratadas da Indústria Petrolífera Angolana (AECIPA)

Santos Samuelsen © VE

daduras. “Estes momentos devem servir para se criar processos de optimização. Podemos servir outros mercados. É uma questão de enquadramento”, sugere.

A AECIPA, por estar relacionada com actividades petrolíferas, tem uma actuação que passa por encontros regulares com as principais instituições ligadas ao sector, como o Ministério dos Petróleos, Sonangol, a Administração Geral Tributária, bancos e Serviços de Migração e Estrangeiros. “Em conjunto procuramos mitigar as questões resultantes da baixa do preço do petróleo”.

Num ‘mar de muitas dificuldades’, a associação, segundo o seu presidente, conseguiu resolver pelo menos um dos grandes problemas que abalava as fornecedoras à indústria petrolífera: os vistos de trabalho para colaboradores estrangeiros. No passado, os técnicos expatriados pelas prestadoras de serviços levavam meses para ver autorizadas as entradas no território nacional. Actualmente, o processo leva menos de um mês e envolve a intervenção do Ministério dos Petróleos.

Bráulio de Brito não acredita que o preço do barril de petróleo volte aos 100 dólares, “tão cedo”, mas começa a ver alguma recuperação. O dirigente associativo confia que Governo esteja a tentar atenuar e criar incentivos de vária ordem, até fiscais, para motivar as empresas.

20

Mil é o número de trabalhadores que, até 2014, as prestadoras de serviços ao sector petrolífero registavam.

lhadores nem as empresas sejam prejudicados”, revela.

Bráulio de Brito aconselha as filiadas da associação a procurar outros mercados. Para exemplificar, aponta as operadoras que prestam serviços nas áreas de catering, metalomecânica e sol-

TRANSPORTE ÁEREO

Emirates facilita nas bagagens

A emirates, uma das maiores companhias internacionais, aumentou a sua franquia de bagagem gratuita para todos os clientes que viajam em voos provenientes de África.

A partir de 15 de Abril de 2016, todos os passageiros da Emirates Airlines que viajam em quaisquer das três classes de cabine da companhia em voos provenien-

tes de África, estão a beneficiar do aumento do número de quilos de bagagem.

Os passageiros que viajam em classe económica poderão viajar gratuitamente com duas malas, com peso até 23 quilos, cada, subindo o limite anterior 30 quilos no máximo para 46. A primeira classe passam do limite de 50 para

64 quilos. Segundo um comunicado da empresa, os novos limites de franquia de bagagem são aplicáveis para voos da companhia com início em Angola, Argélia, Costa do Marfim, Egipto, Etiópia, Gana, Quênia, Marrocos, Ilhas Maurícias, Nigéria, Senegal, Seychelles, África do Sul, Sudão, Tanzânia, Tunísia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue.





A **REFRIANGO**, empresa especializada em refrigerantes, águas e bebidas alcoólicas, foi premiada pela sétima vez consecutiva no concurso internacional “Monde Selection”, com 11 medalhas, pela qualidade e inovação dos seus produtos.



UMA PLATAFORMA INFORMÁTICA que se propõe a acabar com a quebra de sistema nos serviços bancários, no país, foi lançada em Luanda, pela empresa Sistec, em parceria com a multinacional IBM.



INDÚSTRIA

Siderurgia certificada

O grupo siderúrgico ADA-Aceria de Angola recebeu, da Associação para a Certificação de Portugal (CERTIF), um certificado internacional de qualidade pelo reconhecimento do cumprimento das normas referentes ao varão de aço para armaduras de betão.

A cerimónia foi testemunhada pela ministra da Indústria, Bernarda Gonçalves Martins, e pelos directores do Instituto Angolano de Normalização e Qualidade (IANORQ), Laurindo Ganga e o da CERTIF, Francisco Barroca.

O presidente do conselho administrativo da ADA-Aceria de Angola, Georges Choucair, declarou que, desde a criação da unidade fabril, sempre foi objectivo do grupo possuir um certificado internacional de qualidade, devido ao “alto nível de produção”.

A ministra da Indústria, Bernarda Gonçalves Martins, considera que a certificação da empresa é uma abertura para os mercados internacionais. Para a governante, o país possui várias empresas que produzem bens com qualidade e em grandes quantidades.

VENDA DE FOSFATO EM 2017

Minbos vai exportar 800 mil toneladas

TRANSPORTE MARÍTIMO. Empresa rubricou um acordo com a direcção do Porto do Caio, com validade de 10 anos, que coloca à sua disposição um ancoradouro com capacidade para fazer circular aproximadamente 26 embarcações por ano.



Por Valdimiro Dias

Pelo menos 800 mil toneladas de fosfato de rocha vão ser exportadas anualmente pela Minbos Resource, empresa que se dedica à extração de minério, na província de Cabinda. As vendas para o exterior iniciam no terceiro trimestre do próximo ano, via Porto do Caio. A intenção vem firmada num acordo não vinculativo, recentemente assinado entre as direcções da Minbos Resource e do Porto do Caio, entidade que vai gerir o futuro porto de águas profundas de Cabinda.

O acordo possui a validade de 10 anos e coloca, à disposição da empresa mineira, um ancoradouro capaz de

suportar aproximadamente 26 embarcações por ano; espaço no cais para armazenamento e acomodação de equipamentos, para além de uma área de cinco hectares de trabalho na zona industrial do Porto do Caio. Prevê-se que, até ao terceiro trimestre de 2017, o porto comece a operar, num espaço com a dimensão de 12,5 mil metros.

Para o PCA do Porto de Caio, Brian Fuggle, o acordo representa um marco significativo no cronograma do projecto que considera crucial para aquela província, sendo que, para além do fim para o qual foi reservado, “deverá servir de apoio aos sectores de petróleo e gás e de incentivo ao crescimento e desenvolvimento das empresas”. De lembrar que, em 2012, o Governo atribuiu ao Porto de Caio a concessão para financiar, planear, projectar e gerir o futuro porto de águas profundas, situado em Cabinda.



POR FALTA DE MATÉRIA-PRIMA

Fábrica adia arranque

A falta de matéria-prima motivou o adiamento da entrada em funcionamento da fábrica de concentrados de tomate do Giraúl, situada na província do Namibe, revelou o responsável da unidade fabril, Vicente Monder Jar, aos órgãos de comunicação social.

A escassez de tomate, segundo o responsável, está a provocar um aumento de preço no produto, afec-

tando a viabilidade da fábrica, que agora fixa Junho como o mês indicativa para o arranque das actividades.

A fábrica resulta de um investimento de 600 milhões de kwanzas. Na primeira fase produzirá concentrado de massa de tomate enlatado em bidões de 50 litros e em pacotes para uso doméstico. Além disso, produzirá também sumos e doces de tomate.



FAZENDEIROS AMEAÇADOS

Terras em risco

O mau aproveitamento de terras agrícolas pode conduzir à perda de títulos de propriedade, por parte dos fazendeiros, no Huambo, alertou o director local da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, Andrade Moreira Bahú.

As autoridades justificam a medida por existirem, na região, inúmeras fazendas em estado de abandono, sendo que, “em situações do género, o procedimento a seguir passa pela retirada do título de propriedade aos respectivos detentores, repassando-

os para outros interessados na produção agrícola ou pecuária”.

De forma a contornar este impasse, o responsável da agricultura, no Huambo, aconselha aos fazendeiros incapacitados financeiramente a celebrarem parcerias para desenvolverem a agricultura e a pecuária.

Segundo dados do Instituto Geográfico e Cadastral de Angola (IGCA), nos últimos cinco anos, foram cadastradas, no Huambo, 150 fazendas, num universo de 955 associações de camponeses e 37 cooperativas com estatuto próprio.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

**A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO
E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA**



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

De Jure

MERCADO DE CAPITAIS

Diploma para gestoras de patrimónios vai a consulta pública

REGULAMENTAÇÃO. Projecto-lei pretende estabelecer um novo quadro normativo, especialmente aplicável às sociedades gestoras de patrimónios.

O anteprojecto de regime jurídico das Sociedades Gestoras de Patrimónios foi submetido, na passada terça-feira, à consulta pública. A proposta foi apresentada pela Comissão do Mercado de Capitais (CMC) que, em resumo, detalha a estrutura do documento e os

principais traços do quadro legal que o compõem.

“Com o presente diploma pretende-se estabelecer o quadro normativo especialmente aplicável às sociedades gestoras de patrimónios, enquanto instituições financeiras não bancárias ligadas ao mercado de capitais e ao investimento, sujeitas à jurisdição da CMC”, indica a instituição, em comunicado.



O diploma define “o objecto e o âmbito da actividade das sociedades gestoras de patrimónios e consagra as regras relativas ao exercício da sua actividade no mercado de valores mobiliários e instrumentos derivados”.

A CMC realça que a medida surge visando “a regulamentação de matérias específicas das sociedades gestoras de patrimónios” e no intuito de “garantir o seu acompanhamento efectivo pela CMC e a protecção dos investidores”.

O processo de consulta pública, segundo a CMC, decorrerá até 19 de Maio, assinalando, que “as respostas e contribuições em torno do anteprojecto de diploma, objecto desta consulta, deverão ser submetidas à CMC até ao próximo 20 de Maio”.

COM 140 VOTOS A FAVOR

Parlamento aprova Lei dos Contratos Públicos



A aprovação da Lei contou com 30 abstenções e nenhum voto contra e, segundo um comunicado o Ministério das Finanças, reforça as políticas de fomento do empresariado angolano e a preferência pela contratação de bens e serviços que promovam a protecção do ambiente.

A materialização da nova lei esteve, até à semana passada, a depender somente da aprovação de um relatório parecer conjunto das comissões de especialidade para posterior aceitação final em plenária, algo que culminou na última quinta-feira.

Segundo o legislador, a nova Lei dos Contratos Públicos “visa reforçar os instrumentos para a

racionalização, redução e controlo dos gastos públicos, procurando conferir uma melhor qualidade na execução da despesa pública e obter poupança para o Estado”.

O diploma, segundo ainda o legislador, “salvaguarda os princípios fundamentais que regem a actividade administrativa, com destaque para a transparência por parte dos órgãos da Administração do Estado, incluindo o sector empresarial público”.

A Lei dos Contratos Públicos estabelece o regime geral para a formação (procedimentos de contratação) e execução dos contratos públicos e conta, entre outras, com inovações como “o alar-

gamento do âmbito de aplicação às empresas públicas e empresas com domínio público”.

Esse alargamento cinge-se ao estabelecimento de princípios de governação corporativa, introdução de um novo procedimento (de contratação simplificada), para as compras rápidas e de pequeno valor, introdução de normas sobre a execução dos contratos de locação e aquisição de bens móveis e serviços, para além das normas sobre a execução das empreitadas de obra pública.

A Lei dos Contratos Públicos, após a sua publicação, revogará a Lei da Contratação Pública (Lei n.º 20/10, de 7 de Setembro).

100.000

BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA.



EM TODAS AS PROVÍNCIAS.

Agora, o jornal que você não dispensa para estar bem informado vai estar nas mãos de muitos mais angolanos. O Nova Gazeta tem **cem mil exemplares, todas as quintas-feiras**. Para chegar com força a todas as províncias. Com a imparcialidade, as notícias, a crítica e a actualidade que fazem falta.

www.novagazeta.co.ao

100 MIL. SEM CUSTO.

Gestão

RECURSOS HUMANOS

“Top líderes” afina conhecimentos sobre liderança

Luanda acolhe, entre os dias 27 e 28 de Maio, a primeira edição do ‘TOP Líderes’ um programa formativo de gestão dirigido a altos executivos, cujo principal objectivo é o de desafiar cada participante a explorar o seu potencial enquanto gestor de pessoas, através de metodologias inovadoras.

Segundo a empresa Jason Associates – organizadora do evento –

a formação terá a duração de dois dias e meio, estando reservada para o primeiro dia uma apresentação destinada ao “autoconhecimento dos diferentes líderes, acto que será dividido em três momentos distintos”.

“Pretende-se que, através das diferentes metodologias apresentadas, os participantes fiquem, primeiramente, a conhecer qual o seu estilo de liderança, a sua marca; como estão a preparar-se para liderar num contexto de mudança exponencial e, por fim, de que forma

podem aumentar a sua rede de liderança”, indica a Jason Associates, numa nota de imprensa.

O objectivo do segundo dia é o de inspirar todos os líderes que aceitaram o desafio da consultora que acredita que “pessoas felizes fazem mais, melhor e durante mais tempo”, através de uma grande conferência com oradores nacionais e internacionais, que “enriquecerão este momento” ao partilharem as suas perspectivas sobre liderança, como é o caso de Maria Bélon, sobrevivente do tsunami na Tailândia em 2004, Pedro



Vieira, coach profissional, Pedro Brito, CEO do Jason Associates a quem se juntará ainda um orador angolano.

“Esperamos que este seja um momento marcante para todos os líderes que participarem no programa. Que faça a diferença nos seus dias e na maneira como gerem as suas pessoas”, afirma Cristiana Paiva, mentora do programa TOP

Líderes Luanda 2016. O Jason Associates identifica-se como uma consultora de recursos humanos, “que procura partilhar e discutir boas práticas de liderança, que potenciem as empresas e apoiem os líderes angolanos a enfrentar os desafios do contexto económico actual, assim como a acompanhar os novos quadros”.

DE ACORDO COM RANKING DA REVISTA TIMES

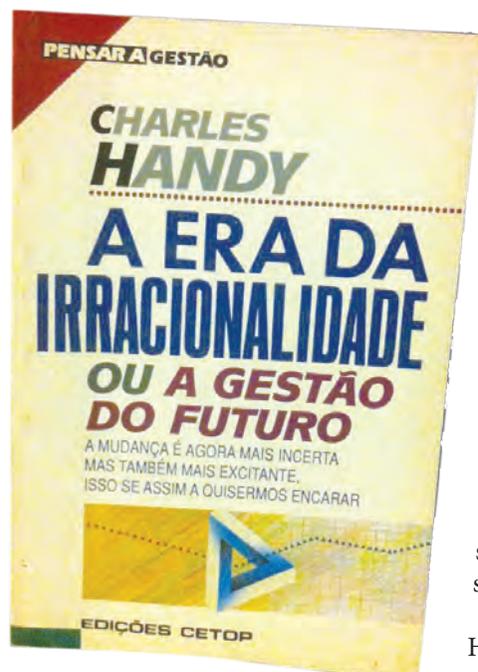
Os mais influentes livros em matéria de gestão

LITERATURA EMPRESARIAL. Conheça os mais importantes livros de gestão de negócios que um gestor que se preze não deve deixar de ler. A sugestão é da revista Times.

Por Redacção

A primeira sugestão apresentada pela Times remete-nos para a obra “A Era da Irrracionalidade”, de Charles Handy, edição de 1989. Este livro, segundo a revista, teve poderosa influência no que depois viria a ser chamado de pensar os negócios “fora da caixa” (fora dos padrões).

Handy, então professor visitante na Escola de Negócios de Londres, descreveu as dramáticas mudanças sociais que ocorriam no quotidiano e no ambiente de trabalho.



As novas tecnologias e o decréscimo nas posições da carga horária integral (ou total), além de outras transformações, requeriam o abandono das regras estabelecidas e tentativas com novas maneiras de trabalho, fazendo-se recurso a outras regras.

O livro de Handy só ganhou notoriedade, após o crescimento da Internet, da comunicação onipresente e da explosão da comunicação social, que provaram que a sua obra foi de uma previsão incrível.

Built to Last: Successful Habits of Visionary Compa-

nies (Feitas para durar – Práticas bem sucedidas de empresas visionárias, na tradução em português), de Jim Collins e Jerry Porras, é a outra sugestão apresentada pela revista Times.

Este livro analisa 18 companhias “visionárias”, na tentativa de descobrir como se tornaram gigantes empresas bem-sucedidas, como a Disney, 3M e a Sony. Professor de administração na faculdade de Stanford, Jerry Porras, e o autor de Good to Great, Jim Collins, acreditavam que, ao contrário da crença popular, as companhias que não deixam espaço para a concorrência, não são dirigidas por líderes “sexy” ou com foco obsessivo.

Ao contrário, o que elas têm em comum é a forte cultura corporativa. Noutras palavras, o livro sugere que as empresas “contratem profissionais brilhantes e os deixe crescer”.

A obra “Competing for the Future” – Competir pelo Futuro

-, de Gary Hamel e C.K. Prahalad entra, igualmente na lista da revista Times como referência de leitura para os gestores.

No livro Hamel e Prahalad “argumentaram a favor de uma visão mais ampla da estratégia administrativa”. Os autores, segundo a Times, mostraram que a planificação estratégica deve ocorrer todo o tempo, e não apenas durante as discretas “quebras” nos negócios duma companhia.

“Esta planificação deve ser emocional, significativa e com propósitos, não apenas analítica; e deve ser norteada por toda a organização, não só por especialistas e consultores”, assinala a Times, reforçando que, entre os ensinamentos-chave, se encontra ainda, na obra, um apelo no sentido de os executivos nortearem activamente a “competência principal” das respectivas companhias para antecipar – não meramente adaptá-las – às mudanças industriais.

O impacto do turismo na diversificação e desenvolvimento económico de Angola



Miguel Fernando

Phd

A ctividade turística é considerada como uma das mais expressivas na economia mundial, assumindo o terceiro sector exportador mundial logo a seguir às indústrias petrolífera e automóvel. Além de ser considerada a maior prestadora de serviços no mundo, é responsável por receitas importantes na economia a ela ligada directa ou indirectamente.

O turismo pode ser observado numa perspectiva dupla: como sector e como actividade económica. Como qualquer outra actividade que faz parte de uma economia local, precisa ser minuciosamente analisada para detectar elementos que possam chegar a convertê-la num potente motor de desenvolvimento local e na diversificação da economia.

O valor estratégico do turismo tem sido observado pelos agentes e de todo o mundo, como uma consequência. Como resultado, demanda-se mais por informação e formação para enfrentar, com garantias de êxito, as oportunidades que o turismo oferece. O grande desafio resume-se nessa difícil equação: crescimento sustentável a curto e médio prazo e a optimização dos recursos para que esta actividade económica tenha efeitos directos e imediatos.

A actividade turística tem vários impactos que podem coincidir na diversificação da economia e no desenvolvimento do país, nomeadamente no aspecto de mudança de hábitos de consumo; introdução de férias pagas aos trabalhadores; elevação geral do nível de renda; gerador de empregos; gerador de divisas e, por último, tornando-se numa das soluções para o desenvolvimento económico-social de Angola.

POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES

O nosso país apresenta um potencial turístico com baixa efectivação decorrente de factores adversos, como a existência de estruturas associativas com capacidade de animar o território,



Mário Mujetes @ VE

nas suas potencialidades patrimoniais (natureza, património, religioso) e condições para o desenvolvimento de actividades de turismo de natureza.

A versatilidade e flexibilidade para adaptar o sector às condições próprias das regiões, bem como da sua população, é outra das adversidades.

Em relação às fragilidades, vale destacar a imagem pouco expressiva de Angola como destino turístico, associada a uma baixa tradição e a reduzida utilização dos produtos endógenos de qualidade na restauração local, contribuindo para uma baixa atractividade turística.

Há ainda a assinalar o património natural e cultural (móvel e imóvel) em avançado estado de degradação, ou com intervenções inadequadas, ou ainda, recuperado, mas com pouco aproveitamento turístico.

Os produtores e operadores turísticos têm uma visão bastante restrita e limitada do mercado e verifica-se também a falta de interessados para criar parcerias e com os restantes subsectores, o que cria barreiras a novas empresas que queiram afirmar-se no mercado. Por outro lado, existem poucas empresas de animação turística a operar em todas as províncias e os serviços organizados num pacote com o alojamento, transporte e refeições são praticamente inexistentes.

VOCAÇÃO TURÍSTICA

De acordo com um modelo turístico

de Angola (próprio), a capacitação do turismo deverá focar-se no desenvolvimento integrado, faseado e coerente de seis eixos estratégicos: mercados emissores, acessibilidades, enriquecimento da oferta, serviços e competências, promoção e distribuição, e a qualidade urbana e ambiental.

Em relação aos mercados emissores, a estratégia contempla o desenvolvimento de acções de promoção e divulgação nos principais mercados emissores (Portugal, Brasil e África do Sul), bem como na criação de acesso aos turistas (por exemplo, na criação de vistos).

No que se refere às acessibilidades, aconselha-se o aumento da frequência de ligações aéreas para os mercados prioritários, com a melhoria dos acessos rodoviários, ferroviários e portuários, bem como pelo aumento da competitividade dos custos das passagens aéreas.

No capítulo do enriquecimento da oferta, é preciso solucionar aqueles que são os problemas actuais, relacionados com os custos elevados da hotelaria; o reduzido número de operadores turísticos e a reduzida oferta de actividades turísticas.

Nos serviços e competências, as prioridades passam pela formação dos trabalhadores, pela criação de carteiras profissionais (certificações), pela indexação da atribuição das categorias das unidades hoteleiras na formação dos trabalhadores; e pela divulgação

de estatísticas do sector.

Relativamente à promoção e distribuição, aconselha-se a realização de feiras para a divulgação nos principais mercados, organização de festivais culturais, musicais, gastronómicos e religiosos e a promoção da participação de instituições privadas.

O nosso Executivo considera o turismo como um sector estratégico, realmente a prioridade contempla na delineação de várias estratégias – formação profissional, recursos financeiros, logística, legislação e abertura do mercado com uma atribuição célere dos vistos.

INFRAESTRUTURAS

O progresso e os investimentos que se têm feito ao longo destes anos têm permitido um crescimento significativo dos principais indicadores, como sejam o número de hotéis e de camas, o número de visitantes e o consumo gerado. Mas também é importante salientar o número de postos de trabalho criados. À semelhança do que foi referido para o investimento, no turismo, revela-se a necessidade de investir tanto em infraestruturas como em legislação para regular a actividade.

A par do Governo, o executivo de Luanda considera o turismo como estratégico e, para tal, tem desenvolvido um conjunto de esforços, com a criação de um modelo turístico próprio de Angola, que contempla a delineação de várias estratégias – formação profissional, recursos financeiros, logística, legislação e abertura do mercado com uma atribuição célere dos vistos.

E também com a criação dos Pólos Turísticos, como por exemplo Cabo Ledo (Luanda) que tem, como principal atracção, a zona balnear com 120 km de extensão e o Futungo de Belas (Luanda) que tem a Baía do Mussulo como principal atracção turística.

Um modelo turístico próprio de Angola (M.T.P.A) aponta um rumo que será importante seguir para que o país se torne um destino para partilhar com o mundo as suas belezas naturais, que são muitas.

Os produtores e operadores turísticos da região têm uma visão bastante restrita e limitada do mercado e verifica-se também a falta de interessados para criarem parcerias entre si e com os restantes subsectores da actividade turística, o que cria barreiras a novas empresas que queiram se afirmar no mercado.

Internacional

98% DOS PAGAMENTOS SÃO FEITOS POR MEIOS ELECTRÓNICOS

Dinheiro pode sair de circulação na Suécia até 2030

CARTÕES. Apenas 2% de todos os pagamentos, na Suécia, são feitos com dinheiro vivo. Até em feiras, os serviços são pagos com cartão ou através de outros meios electrónicos.

A utilização do dinheiro de papel é cada vez menor na Suécia. De acordo com o Banco Central sueco, a circulação das cédulas e moedas deverá desaparecer definitivamente até 2030. Naquele país do Norte da Europa, os pagamentos são dominados por dinheiro electrónico, liderando a tendência global em direcção à chamada 'sociedade sem dinheiro'.

Cada vez mais gente usa menos o dinheiro de papel. Os pagamen-

tos já são feitos maioritariamente via cartão, celular e variados meios electrónicos. Na capital, Estocolmo, cresce o número de restaurantes e lojas que estampam o aviso: "Não aceitamos dinheiro". Actualmente, segundo dados do Banco Central, as transacções em dinheiro de papel representam apenas 2% do valor de todos os pagamentos realizados, contra uma média de 7% do resto da Europa. Com base nestes dados, analistas vaticinam a morte iminente do dinheiro para daqui a cinco anos. Até 2021, calcula-se que a utilização do dinheiro deverá cair

para menos de 0.5%. O banco central, no entanto, prefere adoptar um tom mais cauteloso. "Cerca de 20% dos pagamentos efectuados no comércio a retalho ainda são feitos em dinheiro. A nossa avaliação é que o dinheiro continuará a circular na Suécia até aproximadamente 2030", prevê o porta-voz do Banco Central, Fredrik Wange.

Em diversas lojas e serviços da Suécia, mais de 95% dos pagamentos são feitos com cartão. Nos transportes públicos de Estocolmo há muito que já não se aceita dinheiro. A tarifa deve ser paga com cartões



pré-pagos ou via SMS e basta mostrar ao motorista telemóvel com a mensagem que confirma o pagamento. Taxistas aceitam qualquer cartão. Nos quiosques de flores, no centro da capital, há letreiros avisando, "preferência para pagamentos em cartão". Feirantes e ambulantes também se adaptam à tendência e trabalham equipados com leitores portáteis de cartões.

A Suécia continua à frente do

resto da Europa em relação à redução do uso do dinheiro do papel. E principalmente dos Estados Unidos da América, onde cerca de 47% dos pagamentos ainda são feitos em dinheiro. Além da Suécia, encontram-se os vizinhos nórdicos Noruega e Dinamarca. Um estudo recente da empresa de serviços financeiros Visa indica que os suecos usam os cartões com uma frequência três vezes maior do que a maioria dos europeus.



POR MAIS DE 21 MIL MILHÕES DE USD

Embraer entrega mais de 40 aviões em três meses

A Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) procedeu à entrega de 44 aviões a jacto no primeiro trimestre de 2016. Deste número, 21 foram entregues a companhias de aviação comercial, enquanto 23 apa-

relhos executivos são destinados a clientes singulares.

Um comunicado da empresa adianta que a entrega destes 44 aviões representa um aumento de 37,5% relativamente ao número verificado no primeiro trimestre de 2015, quando foram entregues 32 aviões, 20 para companhias de aviação comercial

21,9

mil milhões de dólares, valor faturado pela Embraer no primeiro trimestre do ano.

44

Aviões foram vendidos à companhias comerciais e clientes singulares.

e 12 executivos. A 31 de Março a carteira de encomendas firmes da Embraer apresentava um valor de 21,9 mil milhões de dólares. A empresa informou ainda ter tido o principal destaque do trimestre a apresentação pública do E190-E2, o primeiro modelo da segunda geração da família de aviões a jacto comerciais E-Jets.



O GOVERNO BRITÂNICO pretende adquirir até 25% da Tata UK Steel. A siderúrgica perde um milhão de libras por dia, mais de 1,50 milhões de dólares.



AS AUTORIDADES JAPONESAS iniciaram raides às instalações da Mitsubishi, depois de a empresa ter admitido a manipulação de testes em mais de 600 mil carros.

PARA INVESTIR EM INFRA-ESTRUTURAS PÚBLICAS

Moçambique precisa de mais de 10 mil milhões de dólares



O

o país precisa de 11,6 mil milhões de dólares em 2016 para a construção de estradas, pontes, ferrovias e aeroportos. Carlos Mesquita apelou aos ho-

ministro moçambicano dos Transportes e Comunicações, Carlos Mesquita, afirmou, em Joanesburgo, que

11,6

mil milhões de dólares é o que o governo de Moçambique precisa.

mens de negócios para investirem no desenvolvimento de infra-estruturas dos transportes e comunicações em Moçambi-

que. O ministro, que participou num seminário promovido pela embaixada moçambicana na África do Sul, reconheceu que o seu país “enfrenta enormes desafios”, mas garante que este momento pode “abrir oportunidades de negócios”. O membro do governo de Moçambique garantiu que “a tensão política prevalente no país tem os dias contados”, mas admitiu que provocou um “impacto negativo”.

ACORDO NOS EUA

Volkswagen recompra cerca de 500 mil carros

AUTOMÓVEIS. A construtora alemã tenta travar o julgamento na sequência dos escândalos sobre poluição provocada pelos seus carros, nos Estados Unidos da América

A Volkswagen chegou a um acordo preliminar com o Departamento de Justiça norte-americano sobre o escândalo das emissões de gases. O acordo passa pela recompra por parte do grupo alemão de 482 mil carros.

O grupo comprometeu-se ainda a compensar os proprietários que vendam os carros ou que os mandem arranjar. A par disto, a VW vai criar um fundo para promover iniciativas ecológicas no sector automóvel e, em paralelo, compromete-se a cancelar os créditos dos clientes que tenham pedido financiamento para a compra dos veículos afectados. O acordo final deverá ser obtido até 21 de Junho, mas necessitará de aprovação judicial para poder ser tornado público. A construtora automóvel aumentou ainda as

suas provisões entre 13 mil milhões e 25 mil milhões de dólares para o caso do ‘software’ que alterava as emissões de óxidos de azoto de alguns veículos com motor diesel.

Esta decisão implica aumentar os fundos reservados da VW que se situavam nos 7,1 mil milhões de dólares. Este montante destina-se a cobrir as eventuais indemnizações, a reparação dos veículos afectados e ainda a cobrir uma eventual multa do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

A Volkswagen explicou, entretanto, que os acordos têm de ser finalizados nos próximos meses e que seriam incorporados no “acordo global”, no qual se inclui também a Comissão Federal de Comércio (FTC) que, no mês passado, apresentou uma queixa contra a empresa por publicidade enganosa dos veículos diesel. A VW informou ainda que as investigações criminais não são afectadas pelo acordo.



RENOVÁVEIS À BEIRA DA FALÊNCIA

Dívida ultrapassa dez mil milhões de dólares

A empresa norte-americana de energia solar SunEdison recorreu ao capítulo 11 da lei de falência dos Estados Unidos da América (EUA), que menciona a suspensão de pagamentos e permite às empresas protegerem-se e negociar com os credores antes de apresentarem insolvência.

A empresa acumula uma dívida de 12 mil milhões de dólares, resultado de uma política agressiva de aquisições desenvolvida nos últimos anos. Se as conversações com os credores não darem resultados, a maior empresa de renováveis do mundo protagonizará uma das maiores bancarotas norte-americanas, com uma maior dimensão do que as insolvências protagonizadas pelo sector financeiro.

A SunEdison adquiriu empresas nos EUA, Índia e América Latina até acumular um passivo que hoje parece insustentável num cenário de queda dos preços da energia.

Ambiente

PROJECTO KITABANGA PROTEGE ANIMAIS

Cerca de dois milhões de tartarugas devolvidas ao mar

PROTECÇÃO AMBIENTAL. Lei proíbe caça de tartarugas marinhas, mas comunidades de zonas costeiras procuram-nas para fazer parte da dieta alimentar. Em 12 anos, um projecto universitário salvou cerca de dois milhões de animais, devolvendo-os ao mar.

Por António Miguel

Pelo menos 1,85 milhões de tartarugas marinhas foram devolvidas ao mar, entre 2003 e 2015, em toda a zona litoral do país. A acção ocorreu no âmbito do Projecto Kitabanga, afecto ao departamento de biologia da Faculdade de Ciências, da Universidade Agostinho Neto (UAN). A intenção da universidade é contribuir para o conhecimento e protecção desses animais marinhos. Agentes do Projecto Kitabanga patrulham diariamente, entre Outubro e Abril de cada ano, (época de desova), aproximadamente 55,5 quilómetros de

praias no Zaire, Luanda, Benguela e Namibe, ajudando na protecção de ninhos e sensibilizando os pescadores sobre a importância de não pescar os ovíparos. Por outro lado, existe uma legislação que proíbe a caça das tartarugas, mas a sua implementação não é efectiva, de acordo com o ambientalista Vladimir Russo, da Fundação Kissama.

O ambientalista admite, no entanto, que há esforços de muitas entidades públicas e privadas na implementação de projectos e iniciativas de protecção das tartarugas. A Faculdade de Ciências da UAN desenvolve projectos de cariz académico científicos, enquanto a Fundação Kissama faz trabalhos de sensibilização e educação ambiental.

A captura ocorre em vários locais. A acidental, por exemplo, acontece maioritariamente no mar, através de redes dos pescadores. “Estas acabam por ser mortas, na maior parte dos casos, para que



Por cada mil tartarugas lançadas ao mar, apenas uma atinge à idade adulta

55,5

quilómetros da área costeira angolana que são percorridos diariamente, entre Outubro e Abril (época da desova) por ambientalistas e académicos com o objectivo de proteger as tartarugas.

176

anos, idade em que morreu, em 2006, na América do Sul, a tartaruga mais velha do mundo.

sejam soltas das redes”, denuncia Vladimir Russo.

Por outro lado, há tartarugas que são mortas na praia, quando saem da água para fazer a desova. Mas o ambientalista sublinha que

VIVEM MAIS DE CEM ANOS

Kitabanga quer dizer tartaruga gigante em kimbundu. As tartarugas de couro (Kitabanga) são as mais abundantes em Angola e podem pesar 800 quilogramas, atingindo dois metros de comprimentos. As tartarugas não possuem dentes, mas possuem um bico muito afiado que usam para cortar os alimentos, compostos basicamente por camarões, alforrecas e esponjas.

Estes animais marinhos estão entre os que vivem mais tempo na natureza. Podem atingir em média cem anos. O recorde é de uma tartaruga de couro que vivia nas ilhas de Galápagos, no Equador. Morreu em 2006, com 176 anos. A temperatura influencia a formação do sexo das tartarugas. Se os ovos estiverem incubados numa temperatura superior a 28 graus, os filhotes serão fêmeas; se for abaixo, serão machos.

acontece também a recolha de ovos das tartarugas para servir de alimentos para as comunidades que vivem nas zonas costeiras.

Há locais identificados, como sendo os mais problemáticos, como por exemplo, a foz da Catumbela, em Benguela. Estas espécies estão classificadas como ‘espécies em perigo’ (como é o caso das tartarugas verdes e as cabeçudas) e criticamente ameaçadas. “Deste modo, se são caçadas, as hipóteses de sobrevivência diminuem,

uma vez que, além das causas de morte, existem também os predadores naturais, como caranguejos, gaivotas e tubarões”, alerta Vladimir Russo.

O especialista informou ainda que a taxa de sobrevivência é muito baixa. Por cada mil tartarugas, lançadas ao mar, apenas uma chega à idade adulta. Existem cinco espécies de tartarugas marinhas nas águas marítimas angolanas, nomeadamente a tartaruga oliva, de couro, verde, cabeçuda e de pente.

Educação & Tecnologia

ANGOLA CONTA COM 64 INSTITUIÇÕES LEGAIS

Ministro denuncia falsificação de diplomas no ensino

ENSINO SUPERIOR. Ministro admite a existência de uma “indústria de falsificação” no ensino e dá a conhecer o número de instituições legalmente inscritas. No entanto, alerta que dados que contrariem os registos oficiais são “marginais” e, como tal, devem ser condenados e denunciados.



Por Isabel Dinis

O ministro do Ensino Superior, Adão do Nascimento, admitiu que a indústria de falsificação de diplomas é um facto, tendo denunciado que o fenómeno está a “crescer e a proliferar significativamente”. “Existem pessoas, com diplomas, que têm a pretensão de se confundir com profissionais que passaram pelas exigências académicas das instituições de ensino superior”, revelou o ministro.

Por outro lado, Adão do Nascimento divulgou que Angola possui

104

Mais de 104 mil vagas foram colocadas à disposição neste ano académico

15%

Ministro quer que 15% dos professores tenha grau de doutor

64 instituições do ensino superior, 24 das quais são públicas e as restantes privadas, tendo alertado de que “se há registos superiores aos já referidos deverá ser considerado um dado “marginal” e, por isso, susceptí-

vel de ser “condenado e denunciado” às autoridades.

O governante deu a conhecer que foram colocadas à disposição mais de 104 mil vagas. Mas não adiantou o total de alunos já matriculados este ano.

Outro dado a destacar tem que ver com as bolsas de estudos internas que, segundo Adão do Nascimento, foram outorgadas a 24.613 estudantes, dos quais 42% são mulheres e 58% homens. No exterior, existem 5.598 bolseiros.

O ministro admitiu que o país ainda “não tem todos os quadros necessários para fazer funcionar condignamente o ensino” e defendeu a necessidade de existir uma diversidade de especialistas, tal como existe na área da saúde.

Adão do Nascimento garantiu que existem normas para que 70% dos professores leccionem nas instituições a tempo integral, adiantando que 15% devem ser doutores, 25% mestres e 40% licenciados. “Ainda não existem instrumentos de medição de evolução de qualidade, mas permanentemente é feita uma monitorização que permite acompanhar com regularidade e ter uma opinião e juízo sobre os progressos que têm sido efectuados”, assinalou.

Adão do Nascimento esteve numa conferência de imprensa promovida pelo Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração (GRE-CIMA), na semana passada.

PODEM SER ADICIONADOS ATÉ 50 USUÁRIOS

Facebook com chamada de voz em grupo



O Facebook Messenger passou a permitir que os usuários de todo o mundo realizem chamadas de voz em grupo. A ‘boa nova’ foi lançada

na semana passada, pelo supervisor das actividades, David Marcus.

O grupo pode ser composto de até 50 usuários e vai estar disponível em iPhones e smartphones android. Para ter acesso, é necessário ter a versão instalada mais recente do Facebook Messenger. Uma vez dentro de uma conversa, o usuário deve clicar

no ícone de telefone para iniciar a chamada em grupo. O aplicativo começa uma ligação automaticamente com todos os participantes do chat.

O novo recurso, por enquanto, só se aplica em chamadas de voz. As videochamadas ainda só podem ser realizadas entre duas pessoas, mas isso também pode ter os dias contados à medida que o Messenger tentar diminuir a disparidade de recursos em relação a rivais como o Skype e o Google Hangouts.

Os ‘gigantes’ da indústria tecnológica acreditam que os aplicativos de mensagens são a próxima fronteira para adquirir e manter usuários e as

novidades vão surgindo à medida que a concorrência lança uma novidade. Para fazer chamadas em grupo no iPhone, o usuário deve abrir o aplicativo do Facebook Messenger e tocar sobre ‘Grupos’. O segundo passo é ter acesso ao grupo com o qual o usuário quer iniciar uma chamada ou, caso não possua nenhum, pode tocar em ‘Criar’.

O Facebook Messenger foi lançado em Agosto de 2011 para telefones android e IOS. Com mais de 800 milhões de usuários no mundo, o Messenger é um dos aplicativos mais conhecidos, que permite ter conversas de texto e partilhar imagens.

Marcas & Estilos

O requinte tropical

A 'Tropique C'est Chic' apresenta-lhe a carteira 'Adored Clutch' das colecções Sarah. Trabalhada com madeira de tom esverdeado, esta pasta de origem libanesa exhibe dois periquitos no topo do fecho e traz uma corrente, o que torna ainda mais cômoda.



Banhos suaves

Os banhos de praia contam com uma nova 'companheira': a toalha, 100% algodão e com uma franja feita com poliéster. Mede 150 centímetros, o que dá a habilidade para melhor usá-la para secar o corpo.



Simpático e versátil

O kit de barbear foi fabricado nos estúdios da Brooklyn Owen & Fred, nos EUA. O exterior é à prova d'água e de nylon. No interior foram desenhadas as palavras "hey handsome" ("oi, lindo"). Todos gostamos de um bom elogio.



Perfeitamente prático

O 'Collar Perfect' é um ferro compacto e uma rápida solução que funciona apertando a gola, mangas e desenha os vincos de cima a baixo e alisa todas as partes amarradas da camisa.



No lugar certo

Use o poder do triângulo equilátero para manter a gravata sempre no devido lugar. O pino magnético dá um toque subtil de destreza a qualquer peça de gravata que possa estar à margem do seu estilo. Há disponíveis em ouro e prata.



Para prazeres de classe

Os copos de conhaque do Normann Copenhagen são um conjunto exclusivo de copos que veio quebrar a convenção clássica do design e é uma esplêndida combinação entre a sua função e o prazer.

Esta obra de arte foi projectada levando em consideração o valor do aroma, da temperatura e do volume etílico. Sem preterir o formato que lembra a melhor experiência de apreciar um bom conhaque, cujo sabor e cor se revelam ainda mais com a profundidade e o movimento do copo.



TURISMO

A cidade do amor

É um lugar-comum dizer que Veneza é destinada aos amantes, aos namorados. Mas, de facto, é disso que a cidade inundada vive, com as suas míticas gôndolas e as pontes mágicas a fazer pensar em dias felizes. A cidade já foi classificada, em diversos estudos, como uma das 10 cidades mais românticas do mundo. Agora quase a chegar a primavera pela Europa nada melhor do que dar um salto ao romantismo.

A cidade é calma e acolhedora e quem a conhece descreve-a como sendo "mágica e deslumbrante", ora por causa dos canais, ora pelos museus e monumentos.

Veneza nasceu da ocupação de ilhotas. Os habitantes, temendo ataques dos bárbaros que tomaram conta da Europa a partir do século V, refugiaram-se nestas lhas. Toda a terra firme foi sendo ocupada e a cidade começou a crescer: a solução passou pela construção sobre as águas que separavam as ilhas. Hoje é famosa pelos certames internacionais, como o Festival de Cinema, a Bial de Artes, a Regata Histórica, o Carnaval e os casinos. Foi classificada como Património da Humanidade pela UNESCO. Dos muitos monumentos e locais turísticos, destacam-se a Basílica de São Marcos, na Praça de São Marcos, a famosa Ponte de Rialto sobre o Grande Canal d'Oro, numerosas igrejas e museus.

ONDE FICAR

Veneza possui uma oferta variada de mais de 500 hotéis, para quase todas as bolsas, mas destacam-se o Rialto com um terraço com vistas para o Grande Canal e que é sempre escolhido para cenários dos mais variados filmes, de acção aos de amor.

O QUE COMER

Sem fugir às tradições italianas, as massas e as pizzas estão no top, mas podem ser alternadas com a fina cozinha europeia, servida nos restaurantes de luxo.

COMO IR

A viagem pode custar mais de dois mil dólares, mas sem voos directos. É necessário fazer escala numa capital europeia.



“ Não quero ser como Van Gogh. Quero ser como Picasso que, vivo, tinha já um castelo, e Salvador Dalí que, vivo, podia viajar para o mundo todo com a sua riqueza. ”

“ Hoje as minhas obras não são para qualquer bolso. Uma tela minha, de um metro por um, que custava 100 mil kwanzas, custa 250 mil kwanzas. ”

GUILHERME MAMPUYA, ARTISTA PLÁSTICO

“Quero viver da arte como Pablo Picasso”

ENTREVISTA. Guilherme Mampuyua assume que quer “ser rico” ainda como artista e não morrer pobre como Van Gogh. Por isso, trabalha arduamente e hoje só pinta por encomenda. É um dos artistas com mais sucesso em Angola, com um estilo muito próprio. Em breve, vai abrir uma galeria.

Por Amélia Santos

Mixinge e do escritor Luís Fernando. O que tenho de fazer é não olhar muito para a crítica e tentar superar-me sempre. Para mim, é muito importante receber essas críticas.

Quais são as suas principais influências?

A primeira é do Kenga Avelino, o mestre que me ensinou a pintar. Depois Pablo Picasso e Salvador Dali com a vertente do surrealismo. Influenciaram-me bastante.

Foi assim que desenvolveu o seu estilo?

Exacto. Foi muito a fusão dessas vertentes. Porque, quando bebo as experiências de todos eles, crio o meu estilo.

Já foi plagiado?

Ainda não! Mas a minha pintura já inspirou a nova geração. Acho interessante e alegre-me ao ver que os jovens se inspiram em mim. De certa forma, aumenta as minhas responsabilidades como artista. Quando cheguei a Angola, gritei que cá se vive das artes plásticas.

Já é reconhecido fora do país. Sente barreiras da parte dos críticos?

Não! Actualmente, a nível mundial, a crítica é problemática e é uma opinião subjectiva de quem está a critica. Em Angola, já recebi críticas positivas de Patrício Batsikama, que é um dos críticos e que respeito muito, de Adriano

A sua arte é mais comercial ou mais cultural?

Feliz ou infelizmente, hoje estamos a falar da ideia de produzir obras em termos culturais. Isto é possível quando o artista quer levar uma vida de ermita, ou seja, uma vida simples. Hoje em dia, o mundo está comercial e faço a pintura para viver. Não quero ser como Van Gogh. Quero ser como Picasso que, vivo, tinha já um castelo e Salvador Dalí que, vivo, podia viajar para o mundo todo com a sua riqueza. Tento vender as duas coisas: parte cultural que é a alma da pintura e no intuito de vender os meus quadros.



PERFIL

Guilherme Mampuyua Wola nasceu a 4 de Novembro de 1974 no Uíge. Começou a trabalhar em artes plásticas, em 2002, depois de ter feito um curso de pintura básica. Lançou o livro que retrata 10 anos de carreira. Criou um estilo próprio, que é hoje inconfundível.



Pensa em fazer novas linguagens, como a digital?

Sim! A minha próxima exposição que vai decorrer no Instituto Camões, em Maio, em homenagem a África, com cerca de 17 peças, vai constar imagens de Nelson Mandela, a mulher angolana e toda a sua beleza e muito mais. A pintura está a mudar e o mundo também. Há alguns séculos, só tínhamos o óleo, acrílico, mas hoje em dia já há novos materiais como a resina hipnose, que é o meu novo desafio.

Qual foi a encomenda que mais mexeu com o seu ego?

Toda a encomenda é uma aventura. Há muito tempo que pinto e nunca tive uma tela rejeitada.



Todo o seu trabalho é encomendado?

Desde que o ano começou só faço pintura por encomenda.

E como vê a arte hoje em Angola?

Já estamos lançados. Fico contente com a quantidade de exposições que há todos os meses em galerias novas e antigas. Mas o número ainda não é satisfatório. Vou abrir a minha galeria no Zango.

Em média, quantos quadros pinta e quanto custa um quadro seu?

Por semana, posso pintar dois a três quadros.

Não receia que os preços dos quadros baixem por pintar muito?

A pintura tem sempre um efeito contrário, porque, quando o artista se torna conhecido, mais caro as suas obras custam. Essa é a boa parte do nosso trabalho. Se, há cinco anos, por semana, podia produzir cinco telas, era para cinco clientes. Hoje, as cinco telas são para 50 pessoas.

Quanto custa um quadro seu?

As minhas obras não são para qualquer bolso. Uma tela minha, de um metro por um, que custava 100 mil kwanzas, hoje custa 250 mil.

NÚMEROS DA SEMANA

24

Mil milhões de dólares é o valor das Reservas Internacionais Líquidas de Angola, informou, sexta-feira, o governador do Banco Nacional de Angola (BNA), Walter da Silva.

450

Milhões de dólares, gastos anuais com a importação de frangos, segundo o ministro da Agricultura, Afonso Pedro Canga, que quer ver o aumento dos investimentos no sector de galináceos.

500

Mil dólares, doação do governo americano a Angola para combater o surto de febre-amarela e malária. Trata-se de uma doação da Fundação ExxonMobil.

150

Mil kwanzas, valor mensal que as grandes empresas deverão pagar como taxa do lixo, segundo a proposta apresentada pelo governador de Luanda, Hígino Carneiro, à Comissão Económica do Conselho de Ministros.

INSTITUIÇÃO DEFENDE LEGALIDADE DAS SUAS ACTIVIDADES

FSDEA refuta envolvimento em transacções ilegais

O Fundo Soberano de Angola (FSDEA) recusa ter participado de quaisquer transações ilegais, a propósito das recentes informações divulgadas sobre o propalado caso "Panamá Papers".

A instituição denuncia, em comunicado, ter sido "vítima de alegações infundadas", publicadas a propósito das investigações em curso, reiterando que "não participou em qualquer transação ilegal".

O FSDEA reforça, por outro lado, que "a legalidade e conformidade absoluta das suas actividades vai poder ser re-comprovada aquando da próxima publicação do relatório de contas anual", uma prática regulamentar observada desde a sua criação.

"As demonstrações financeiras do FSDEA são auditadas anualmente pela Deloitte & Touche, auditores reconhecidos internacionalmente", sublinha a instituição, ressaltando que "todos os actos do seu conselho de administração e dos seus funcio-



nários são avaliados por um conselho fiscal, nomeado pelo Ministério das Finanças, que tem como função averiguar conformidade da actividade do FSDEA com a legislação vigente no País". Paralelamente, refere a nota da instituição, "a Direcção Nacional do Tesouro recebe relatórios trimestrais que detalham o desempenho do FSDEA". O FSDEA esclarece ainda

que, "em conformidade com a constituição da República de Angola, o Tribunal de Contas e o Parlamento avaliam as demonstrações financeiras do Fundo, incluídas na Conta Geral do Estado, que são submetidas anualmente a sua apreciação pelo Executivo Angolano". Os dados relativos aos investimentos do FSDEA, refere ainda a nota, "também são divulgados na secção intitulada carteira de investimento da sua página institucional de internet".

"No âmbito da concretização dos objectivos supracitados, o FSDEA lida com inúmeras entidades, instituições financeiras e de concelhia especializadas em diferentes áreas, com mérito comprovado, sempre aprovadas por autoridades de supervisão e regulação das suas respectivas jurisdições", lê-se no comunicado. "O FSDEA foi estabelecido com o objectivo de criar fontes alternativas de receitas para o Estado, que possam beneficiar as gerações presentes e futuras de Angola."



Buraco é de 6,8 mil milhões USD

As novas suspeitas sobre o desaparecimento dos depósitos no extinto Banco Espírito Santo Angola (BESA) indicam que terão desaparecido cerca de 6,8 mil milhões de dólares entre 2009 e 2013, segundo suspeita o Ministério Público português.

A gestão de Álvaro Sobrinho no BESA continua a ser alvo de investigações por parte do Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP) de Portugal, depois da descoberta de um buraco de 5,7 mil milhões de dólares em 2013, que levou as autoridades angolanas a emitirem uma garantia soberana, entretanto revogada. O BESA e o seu par BES (em Portugal) foram extintos na sequência do escândalo financeiro que motivou a abertura de vários processos. Ricardo Salgado, antigo presidente do BES, e Álvaro Sobrinho, antigo presidente do BESA, são as figuras centrais destas investigações que prometem ainda novos dados.

SEGUNDO DADOS DO INE

China supera Portugal nas exportações para Angola

O gigante asiático garantiu uma quota de mercado de 17%, no ano passado, relegando Portugal para segundo lugar, no conjunto de países que mais exportam produtos para o mercado angolano, indica um relatório do Instituto Nacional de Estatística (INE), recentemente divulgado.

Os números do quarto trimestre, agora divulgados, vêm confirmar que Portugal perdeu o estatuto histórico de principal fornecedor. Segundo o INE, as compras feitas à

China representaram 17% de todas as importações feitas por Angola no ano passado. Foram cerca de 337 mil milhões de kwanzas.

Portugal ficou-se pelos 294 mil milhões de kwanzas, que significaram 15% do valor total gasto por Angola. Em ambos os casos, é uma queda em relação a 2014, mas a descida de Portugal foi muito maior.

Apesar deste quadro, dados recentes revelados pelos Serviços de Alfândega da China indicam que o gigante

asiático diminuiu o volume de exportações para o conjunto de países de língua portuguesa que, nos primeiros dois meses do ano, caíram 25,54% em comparação com o mesmo período de 2015. Nos dois primeiros meses do ano, as trocas comerciais entre a China e os oito países de língua portuguesa ascenderam a 11,192 mil milhões de dólares e a queda de 25,54% resulta da diminuição das exportações chinesas para o Brasil e África, segundo as mesmas estatísticas.

O VALOR ESTA SEMANA

ESTATÍSTICA

Censo agropecuário adiado

A realização do Censo Geral Agropecuário já não ocorrerá este ano, conforme estava inicialmente previsto, por alegadamente estar a depender ainda de "questões legais e da elaboração de documentos que têm de ser remetidos ao Conselho de Ministros", para eventual aprovação. **pág. 12**

FEIRA DE BENGUELA

Crise reduz expositores

O arranque da edição 2016 da Feira Internacional de Benguela (FIB) está previsto para o dia 18 de Maio. No entanto, este ano, a iniciativa, que visa atrair investidores dos vários cantos do país e do mundo, deverá ficar marcada pela 'tímida' participação dos expositores, incluindo alguns já tradicionais, por dificuldades financeiras. **pág. 13**



'BRIGA' NO BPI

Espanhóis em vantagem

A empresária Isabel dos Santos viu o seu poder negocial, no conflito com os espanhóis do La Caixa, abafado com um decreto do presidente português que desblinda os estatutos do BPI. Analistas locais admitem que Luanda poderá reagir, para proteger os interesses da accionista angolana. **pág. 15**